O SOCIALISMO

DISSERTAÇÃO

APRESENTADA

A'

FACULDADE DE DIREITO DE S. PAULO

PARA O CONCURSO

AO LOGAR DE LENTE SUBSTITUTO DA 2.ª SECÇÃO

PELO

B.el DARIO SEBASTIÃO DE OLIVEIRA RIBEIRO, natural da cid.e da Christina - Minas filho do Desembargador Pedro Antonio de Oliveira Ribeiro

S. PAULO
TYPOGRAPHIA DA INDUSTRIAL DE S. PAULO
1897

O SOCIALISMO

Acreditamos, talvez impressionados pela evolução social que nos ultimos tempos se tem tornado revolução social, que um dos mais graves, senão o mais grave problema que tem avassallado os espiritos pensadores dos sabios é o mau estar que se observa nos grandes centros populosos, é a desorganisação da economia, dentro da propria organisação economica; e, porisso, resolvemos, num arrojo de verdadeira audacia, estudar e comprehender tanto quanto nos permitte a pequena intelligencia, alguma cousa do que têm escripto aquelles que por querer organisar receberam e recebem dos usurarios da sciencia o estigma de «cerebros desorganisados».

Não se pense que queremos ser como Cartuche o realisador do sonho de Platão, na phrase de um illustrado mestre desta casa, nem se diga, que como acontece sempre aos neophitos da sciencia, tenha a litteratura socialista nos arrebatado o espirito para sonhar como sonhou Fourier, para idealisar como Saint Simon e Cabet; não pretendemos mais do que escrever uma dissertação de Economia Politica, não sabemos qual das Escolas terá a honra de melhorar o estado social do velho mundo, cujos males vêm como uma epidemia se alastrando pelo novo continente.

Affirmamos: ha uma riqueza, ha uma producção, ha tres elementos que a constituem, é preciso distribuir o resultado dessa producção, a distribuição que se faz actualmente é immoral porque traz a desegualdade, é desorganisadora do organismo social, porque dispersa mal os elementos vitaes e d'ahi o mau estar social que se observa pelo desequilibrio completo em que se acham, o proveito do capital, a renda da terra e o salario do operario, dando como corollario á minoria social riquezas fabulosas, a outros a miseria e no futuro a morte pela fome.

O presagio funebre de Malthus não se realisará nunca; quando os elementos germinadores naturaes e proprios da terra não puderem mais offerecer á humanidade a alimentação, quando tiver passado o cortejo dos seculos destruindo tudo, ainda assim não se póde acreditar na seriedade do principio ou, antes, da lei que Malthus talvez num momento de *spleen* organisou, porquanto não podemos comprehender que algum mal social traga o augmento da população e, ainda que assim fosse, viria a industria com a sua força gigantesca, as grandes descobertas revelando ao homem forças cuja existencia ninguem sonhára.

A proporção estabelecida pelo exaggerado escriptor entre o augmento da população e os meios de subsistencia, parece-nos ainda falha de criterio mesmo que elle pudesse ter calculado a força productiva da terra, expontanea ou fecundada pelo esforço do homem, submettida aos processos de agricultura e industrias então conhecidos.

Mas, torna-se mais debil a base em que elle assentou a sua theoria, quando pensamos que elle não poderia ter um criterio seguro para calcular o augmento da producção, porquanto não poderia prever

os melhoramentos industriaes do futuro, nem medir a extensão infinita do campo que o talento cultivado subordina á sua tyrannia invencivel. Malthus sentia, mesmo na epoca em que escreveu, as palpitações da miseria, viu o quadro que apresenta a reunião dos desaggregados do nosso mundo que habitam o sub-solo da Inglaterra, observou que o alimento que tinha cada homem não bastava para restabelecer as forças perdidas no trabalho, mas errou em determinar a causa desse desequilibrio, porque o attribuiu ao augmento da população, esquecendo-se de verificar que o que faltava a uns sobejava nos cofres dos banqueiros e nos palacios dos patrões

Elie comprehendeu que havia uma desorganisação, mas não soube fazer o dyagnostico da molestia e sahiu errado o prognostico que deu, embora tenha sido, segundo affirma Beaulieu, considerado durante certo tempo na Inglaterra como verdade incontestavel.

Si é certo que não teve criterio a lei de Malthus, não é menos certo que a desorganisação social que elle entrevia existe, e a sua causa é, repetimos, a má distribuição do resultado da producção.

E, si é verdade que os effeitos dessa desegualdade, da escravisação do trabalho pelo capital, se fazem sentir com mais força nas classes que soffrem as suas consequencias, experimentando a realidade horrivel do que existe, verifica-se que esse phenomeno aniquilador, tambem fére a rotina scientifica dos pensadores, e as escolas que pretendem mudar a face das cousas vêm prenhes de theorias derramar-se pelos livros, estender os seus projectos nos parlamentos europêos, penetrando até ás portas do vaticano para trazer ao mundo o pensamento do maior cerebro do seculo, abalando os calculos dos grandes economistas, balançando o espirito de Beaulieu entre

o individualismo e o universitarismo;—d'ahi as theorias que correm com o nome de socialismo scientifico, nome que não lhe pretendemos tirar.

Si o phenomeno da desorganisação social que se observa penetra o gabinete dos estudiosos, tambem abala o coração dos exaltados, convulsiona-lhes o cerebro raiando-lhes os olhos de sangue, obscurecendo-lhes a intelligencia, produzindo nos gelos da Russia Kropakchine, Bachounine e no mundo inteiro os Jean Grave Malatesta e outros que enlouqueceram na miseria, sonhando com a riqueza, os quaes formam com muitos outros a legião dos filhos da fome, loucos sem patria, cujos craneos servirão mais tarde para, enriquecendo as galerias do Lombroso do presente e dos lombrosianos do futuro — constituir o anarchismo.

Assim dividimos nós as innumerosas escolas que querem á força viver subordinadas ao nome de «socialismo;» de um lado aquellas que querem as reformas liberaes do trabalho, procurando por meio de sabias leis guardar o operario das investidas absorventes dos patrões, aquelles que querem tributar com um imposto razoavel as grandes propriedades pertencentes a um só homem, aquelles que querem que o capital se disperse para que da sua dissolução momentanea surja o seu renascimento disseminado; de outro lado os allucinados que querem tudo para transformar no nada.

Da multiplicidade das escolas, si é que assim podemos denominar principios incoherentes que nem mesmo em theoria têm um fim exequivel, nasceu a confusão, a balburdia e até a injustiça de fazer-se uma classificação generica de todos que tratam das questões sociaes, denominando-se socialistas e socialismo—homens e theorias que sonham, e productos neurasthenicos; considerando grande parte não só

dos homens adiantados como dos nescios, que os socialistas são os pertubadores da ordem social. Escriptores ha e de grande nota que não querem fazer a distincção e outros tremem medrosos de receber a pecha de socialista e passam por alto sobre os mais graves problemas.

Feita a classificação que enunciamos e entendendo como entendemos, que o mal está no desequilibrio da distribuição da producção entre o proprietario, o capitalista e o trabalhador, vamos fazer um rapido exame nos principios que se filiaram á escola socialista propriamente dita e com a moderação com que encaramos essas questões sociaes tão graves, vamos procurar fazer uma synthese dos mais conhecidos principios que o cerebro grego já sonhava antes de existir o mal que os devia gerar.

Não chamaremos escolas as diversas concepções mais ou menos phantasiosas e inexequiveis, que altivamente tomam o seu logar debaixo da determinação de socialistas, e condemnamos os escriptores que dão a esse termo uma accepção tão lata que o levam a abranger desde a luminosa encyclica de Leão XIII, que é hoje a base do socialismo catholico, até ás phantasias de Fourier ou de Saint-Simon.

Comprehendemos escola numa accepção mais restricta, considerando-a como um conjuncto de principios, mais ou menos systematisados, aos quaes se filiam certo numero de adeptos, e, seria profanar, poderemos dizer assim, esse termo si o quizessemos empregar classificando sonhos irrealisaveis.

Reservamo-nos para mais adiante fazer uma classificação das escolas socialistas segundo o nosso modo de pensar.

Achamos que é mal empregado esse termo socialismo, para caracterisar a escola economica ou philosophica que nestes ultimos tempos tem influido tanto na organisação da sciencia economica.—Que quer dizer socialismo? o termo não corresponde á expressão da idéa. Será um termo opposto ao termo individualismo? mas, si assim é, porque? para expremir que o socialismo quer dizer a abolição da propriedade individual substituindo-a pela propriedade social? Não seria isso o communismo que por si não é o que se chama socialismo?

Julgamos mal empregado o termo que, si significa essa idéa que enunciamos, então é deficiente porque é por demais restricto para abranger as diversas escolas a que elle dá o seu nome.

Affirma *Louis Reybaud* que elle foi o introductor dessa palavra socialismo na lingua franceza em 1836 e, num dos seus brilhantes artigos, apesar de com alta capacidade refutar theorias e principios que elle attribue aos socialistas, cae em enorme erro ou engana-se, ou o confunde a multiciplicidade dos systemas socialistas a ponto de na sua exposição baralhar lastimavelmente as mais puras theorias anarchicas com o socialismo. Enunciando principios verdadeiros, parecendo filiar-se á escola evolucionista elle apresenta as mais exaltadas das theorias anarchistas e diz: «eis ahi o socialismo, nada vale porque é o resultado do desequilibrio do cerebro».

Affirma *Louis Reybaud* que em todas as sociedades, quer progridam ou regressem, se operam modificações mais ou menos profundas que agem sobre a sua economia; na apparencia muitas vezes não se nota, mas ellas soffrem mudanças que só são reconhecidas pela sociedade com o tempo e habito.

E, o trabalho natural das civilisações que se aperfeiçoam ou que declinam, a honra de uma geração

é aperfeiçoar o que recebeu de uma geração passada para entregar ás futuras gerações; apoiar-se no adquirido para fazer novas acquisições; ir do verificado ao desconhecido — é a noção do progresso para os espiritos bem organisados.

Ninguem póde contestar esses conceitos philosophicos do escriptor; contestal-os seria negar a lei da evolução que é a mais natural de todas as leis, servindo até para inspirar a Montesquieu a sua grande definição; seria negar o methodo da inducção – que a sciencia contemporanea abraça como o unico capaz e scientifico; mas, dizer-se como elle diz e affirmar que esses conceitos não são os dos socialistas, é desconhecer os mais rudimentares elementos em que assentam os seus principios.

As reformas parciaes, diz *Louis Reybaud*, parecem pouco dignas de attenção. «é preciso dizem *elles* acabar tudo o que existe: leis, costumes, garantias pessoaes e de propriedade»; — o accôrdo é esse, os meios é que são diversos.

Que lamentavel confusão ou que falta de probidade scientifica!

Essa theoria nada tem que vêr com o socialismo, é o anarchismo na sua mais lata accepção é a theoria da loucura e do crime, a que se filiam os famintos ou os exploradores da fome.

Na epoca contemporanea, não se podem tolerar semelhantes confusões, embora a ignorancia não possa dar ainda á grande maioria social a luz para distinguir e classificar, e, não se pode confundir socialismo com anarchismo e nem tampouco estabelecer entre elles um parallelo porque as suas divisas estão bem claras, porquanto de um a outro lado vai um abysmo, que só poderia ser transposto si os espiritos menos esclarecidos, para os ligar, entulhassem esse abysmo com as theorias daquelles que á força querem

ser socialistas scientificos, trazendo apenas na sua bagagem theorias que a pratica repelle e á sciencia repugnam.

O socialismo, o verdadeiro socialismo, esse com o qual a sciencia póde se occupar seriamente, não repelle as reformas parciaes, ao contrario acceita-as, acha mau o estado social e quer transformal-o na sua economia, de modo que não haja um desequilibrio tão grande que possa fazer perigar a vida social, quebrando os seus eixos pelo desequilibrio da distribuição da riqueza. Tudo que não é isso é—a anarchia.

Não ha duvida e a nós não repugna concordar que em epocas remotas e mesmo no passado, de envolta com principios salutares, alguns escriptores apresentaram theorias que talvez fossem o germen que produziu o socialismo contemporaneo; mas, si assim é, esses germens na gestação da theoria moderna soffreram taes modificações, que não duvidamos dizer que o sonho do passado já é no presente uma theoria no caminho da pratica no futuro.

Podemos mesmo admittir, e, não fazemos uma concessão, que fosse o communismo de Platão o germen do socialismo moderno; mas, não abandonamos a verdade de que a necessidade social de uma reforma na sua economia foi o que determinou o florescimento da theoria que pretende melhorar a organisação das classes sociaes em relação á distribuição dos fructos da producção aos seus agentes.

Sim, os escriptores antigos que imaginaram uma sociedade calcada sob novos moldes não se inspiraram como os socialistas modernos na actualidade de uma necessidade social, não acreditaram na realisação de suas utopias, - diz NITTI no seu explendido livro— «O Socialismo Catholico.»

Na opinião deste grande escriptor italiano o que distingue o socialismo moderno é a aspiração a um

direito absoluto e egual de todos os homens ao governo da sociedade e ao goso dos bens sociaes e os philosophos da antiguidade, mesmo os que acceitaram como Platão theorias communistas, repelliam a idéa da participação das massas populares no governo.

Tinhamos pois razão quando affirmamos que o socialismo moderno com as suas tendencias nasceu da necessidade social de uma reforma economica, necessidade que vem surgindo de um passado bem proximo e torna-se na actualidade o mais palpitante e serio dos problemas sociaes.

NITTI ainda avança mais dizendo que a realisação do ideal socialista é um dever e uma necessidade desde que o povo foi pouco a pouco conquistando as liberdades politicas, e que o socialismo nasceu precisamente do contraste profundo entre as liberdades politicas das quaes o povo se apoderou e a servidão economica onde elle acha o jugo o mais duro e o peso mais oppressivo depois da conquista daquellas liberdades.

Realmente é um erro grave filiar o socialismo moderno ás obras dos utopistas que apparecem naturalmente com os vicios do meio e da epoca em que viram a luz. Si é preciso buscar sempre no passado os germens das theorias modernas, ver a combinação dos elementos que as produziram, então com mais verdade o nosso espirito se encaminha para achar os precursores do socialismo nos homens que precederam e prepararam a Revolução e diremos como NITTI «Que si a revolução teve tendencias completamente desfavoraveis ao systema socialista, si a liberdade economica que ella proclamou e obteve, tornou mais dura e menos humana a instituição da propriedade, derrocando as barreiras seculares que tornavam difficil a creação das grandes fortunas e

eram obstaculo á accumulação do capital, ella teve effeitos differentes e talvez mesmo em opposição com as suas tendencias primitivas, é preciso não esquecer portanto, que os escriptores que a prepararam foram quasi todos animados por um sopro socialista muito vivo.»

E' a opinião criteriosa de Nitti, e quem como elle conhece as theorias que na epoca revolucionaria vogavam, ha de forçosamente concordar que os litteratos da revolução exprimiram principios e fizeram promessas que muito se parecem com as theorias que os socialistas pregam e com as promessas que pretendem realisar.

E a tendencia revolucionaria não podia ser senão essa, porque ella pregava a egualdade, que forçosamente devia penetrar tambem no terreno economico.

Percorrendo livros que falam da grande Revolução encontramos, nos escriptores que a prepararam, principios socialistas dos mais exaltados e, para provar a sua asserção, Nitti traslada alguns para a sua obra; Mably, o padre eminentemente revolucionario, obedecendo talvez á tendencia da Igreja, que podemos dizer sem medo de contestação é a propaganda viva do socialismo, pregando as idéas da egualdade, dizia: «A Egualdade é a fonte de todos os bens, porque ella une os homens entre si, a desegualdade dos bens produz esses males sociaes, porque é contraria ás leis da natureza, faz nascer as luctas entre os ricos e os pobres, as discordias civis, a sêde das riquezas. A desegualdade das forças, das intelligencias, dos talentos não são argumentos que demonstrem a necessidade das desegualdades economicas; as desegualdades naturaes estão fóra das monstruosas desegualdades das sociedades humanas».

E, nós accrescentamos ao grande padre revolucionario, que as desegualdades naturaes, embora não

possam desapparecer, o Estado, as associações particulares procuram attenual-as: — é a tendencia do seculo espalhando a instrucção que illumina as intelligencias, a hygiene militar e escolar desenvolvendo as forças dos mais fracos.

Outro apostolo da revolução — Necker dizia que a propriedade hereditaria é uma «lei dos homens, um privilegio»; na sociedade o forte opprime o fraco «ora o forte, na sociedade é o proprietario, o fraco é o homem nú, sem propriedades».

A oppressão da parte dos ricos consiste no poder que elles têm de «não dar em troca, senão o menor salario possivel».

Nessa lucta entre os fortes e os fracos, entre os proprietarios e os trabalhadores, o Estado deve intervir em favor dos segundos.

Como! bradava Necker, o soberano póde constranger o povo a expôr sua vida em defesa do Estado e não ser elle obrigado a velar pela sua subsistencia!

Deschamps — o benedictino terrivel, pensa que os principios da san moral christan devem necessariamente visar o communismo dos bens, accrescentando que o estado em que vivemos é um estado de anarchia que deriva da liberdade concedida aos mais fortes de opprimir os mais fracos.

Marat tinha como bandeira para o seu jornal a tão repetida divisa dos tempos revolucionarios: *Ut redeat miseris, abeat fortuna superbis.*

Condorcet dizia: «A egualdade de facto é o fim supremo da arte social».

Saint-Just dizia: «a opulencia é uma infamia».

Robespierre que: «ninguem deve possuir mais que trezentas libras de renda»

Não pára ahi a prova que Nitti pretende dar que foram os homens da revolução os precursores do socialismo moderno; traz ainda para o seu livro

escriptos de muitos pensadores que julgavam que o Estado deve intervir na distribuição da riqueza, para evitar a absorpção do mais fraco pelo mais forte.

Já MONTESQUIEU na sua epoca dizia que: « o Estado deve assegurar a existencia ao individuo, um vestido conveniente e um genero de vida que não seja contrario á saúde ».

CHAPELIER, commentando o decreto de 14 de Junho de 1791, repetia: «que a nação tem obrigação de fornecer trabalho áquelles que delle têm necessidade para sua existencia e soccorros aos enfermos», e a convenção sanccionou estes principios declarando « que os soccorros publicos são um imposto sagrado ».

Não contestaremos Nitti affirmando que o socialismo contemporaneo teve como precursores os homens da revolução franceza, ou antes acreditamos que estes muito concorreram para sua formação; mas pensamos que entre as theorias chamadas socialistas no passado e o verdadeiro socialismo contemporaneo houve uma perfeita solução de continuidade; o pseudo socialismo do passado, mais atrazado, era filho da utopia, do idealismo; o socialismo dos revolucionarios francezes, embora contribuisse para o socialismo contemporaneo, era o resultado da exaltação dos espiritos, era talvez o producto da loucura transitoria de um povo inteiro.

Poderemos sim, é verdade, achar alguns laivos do socialismo contemporaneo nos principios da Igreja Catholica, cujas obras no passado ainda alteiam por entre os seculos que passaram e cuja missão no presente e no futuro é tão grande ou maior que a missão que já cumpriu porque é mais difficil reformar do que crear, reconstruir do que construir.

Encontramos a idéa socialista contemporanea até nos mais atrazados sermões dos padres das nossas villas sertanejas, « pregando que é mais difficil um

rico se salvar do inferno do que um camelo passar pelo fundo de uma agulha ».

O socialismo contemporaneo nasceu e tem-se desenvolvido extraordinariamente, porque é agora que se tem manifestado em toda a sua pujança a desorganisação economica das classes sob o ponto de vista economico, porque é agora que a miseria dos que vivem do salario tem ensinado a estes a medir a fortuna dos capitalistas e lhes tem mostrado que hão de ser attrahidos e absorvidos, se é que absorvidos já não estão.

Conforme, pois, o nosso modo de pensar nada tem o socialismo contemporaneo com a theoria dos utopistas, como querem alguns. Nenhum laço liga o socialismo actual ás theorias utopistas de CHARLES FOURIER, que appareceu na França com a sua Associação Domestica Agricola em 1822 e que, considerando que os males sociaes da sua epoca nascem do modo erroneo de comprimir as paixões humanas, affirma que Deus nada fez de essencialmente inutil, que o meio em que essas paixões se agitam é susceptivel de modificações e dá o modo segundo o qual as sociedades se deviam organisar.

A sociedade na sua opinão devia ser composta de grupos, series e phalanges; o grupo é o alveolo social, deve-se compor de oito pessoas, as series devem ser compostas de vinte e quatro a trinta e dous grupos e, finalmente, a phalange é a sua communa, ella terá um palacio com o nome de Phalanstero, dividido de modo a seus habitantes poderem reunir a maior somma de goso possivel.

Cogitando da propriedade tal qual na nossa epoca está organisada, Fourier *abstractamente* faz a sua abolição, dizendo que ella não se incorpora ao individuo, que ella é collectiva e o seu valor circula por meio de *coupons*.

Quanto á distribuição dos fructos da propriedade, elle idealisa tres grandes agentes da producção: o talento, o capital e o trabalho, e pensa que entre esses tres agentes devem ser distribuidos os fructos da propriedade.

Recommenda, entretanto, que o trabalho não deve ser repugnante e sim voluntario, attrahente para não causar cansaço, variado para não causar monotonia.

Eis ahi um dos utopistas mais conhecidos, collocal-o como quer REYBAUD, BENOIT MALON entre os socialistas é gravissima injustiça, é confundir uma theoria toda ideal, uma phantasia do espirito, uma gymnastica da intelligencia com uma escola reclamada pelas necessidades economico-sociaes.

Outro utopista é *Saint Simon* que appareceu com o seu systema social em 1822 e imaginou que se devia casar o poder temporal com o espiritual, governando um só homem, para evitar conflictos—o fôro intimo ou interno e o fôro externo.

Elle não comprehende o nivelamento das classes sociaes, antes divide a sociedade em tres classes: sabios, artistas e industriaes, sendo os chefes parciaes escolhidos dentre os maiores sabios, os maiores artistas e os maiores industriaes.

Cada um assumiria sua posição conforme a sua capacidade. Era a sociedade familiar tendo como propriedade commum a terra cujos fructos seriam divididos conforme os gráos e serviços dos membros dessa familia

Outro utopista encontraremos em CABET na sua viagem a Icarie, que appareceu imaginando a mais commoda das communidades.

Louis Blanc imaginou extirpar da sociedade «a lepra da concurrencia».

O Estado teria diversos estabelecimentos industriaes associados entre si, de modo que si algum

não conseguisse manter-se pelas forças proprias, outros que tivessem progredido os levantariam com os seus lucros, participando os operarios desses estabelecimentos, dos lucros auferidos nas explorações. Assim ficaria abolida a iniciativa e a actividade individual.

PIERRE LEROUX e PROUDHOME, outros dous utopistas, este imaginando abolir o proveito do capital e estabelecer uma tarifa geral e uniforme, aquelle condemnando a Patria, a Familia e a Propriedade, a primeira porque reconhece chefes, a segunda porque estabelece paes e filhos, a terceira porque divide a humanidade em ricos e pobres.

Pretendendo desapaixonadamente expôr as theorias philosophico-economicas que se enfeixam sob o nome de socialismo, para mostrar que é verdadeiro o nosso asserto em estabelecer uma solução de continuidade entre o socialismo do passado e o socialismo contemporaneo, trasladamos para aqui essas theorias utopistas que, entretanto, são consideradas por muitos escriptores, entre os quaes Reybaud e, o que nos admira mais, Benoit Malon que as chama de «socialismo de primeira mão», como escolas socialistas.

O socialismo não quer abolir cousa alguma, quer reformar para melhorar o estado social na sua economia; o mais é o anarchismo e si não fosse assim seria falha de criterio a missão socialista, porque sabemos que no regimen da sciencia economica nada se pode abolir, ao contrario vem o desquilibrio que é justamente o que se pretende combater.

Vamos agora ensaiar definir o socialismo contemporaneo e estabelecel-o como escola economica

classificando as suas escolas conforme o pensar de seus sectarios e o nosso humilde modo de ver.

Definir o socialismo é uma missão difficilima, taes as controversias, as theorias desencontradas que giram em torno do grandioso problema da organisação economica.

Si considerarmos o socialismo na sua mais vasta accepção, no seu mais lato conceito, definil-o seria reunir na definição os principios communistas, collectivistas e socialistas propriamente ditos ou scientificos, e isso é impossivel porque não podemos reunir em uma só definição principios que se repellem, theorias completamente heterogeneas.

Assim, si nos perguntarem, que é o socialismo? seremos obrigados a responder como BOILEY: qual delles?

E, nenhuma incoherencia ou contradicção vai neste nosso asserto, porquanto, apesar de entendermos que só ha um socialismo com uma variedade de nomes como já tivemos occasião de dizer, somos obrigados a assim proceder devido á diversidade de theorias que correm sobre o assumpto e ás formas mais ou menos artificiaes que os escriptores especialistas na materia revestem o assumpto.

De facto, não podemos definir conjunctamente principios communistas com as suas subdivisões, o collectivismo em as suas manifestações variadissimas e o socialismo verdadeiro, por ser materialmente impossivel subordinar aos termos precisos e restrictos de uma definição tres theorias diversas que, por sua vez, se subdividem ou são subdivididas em milhares de principios.

Tentar definir o socialismo na sua expressão a mais lata é tentar nada definir.

Nada ha de mais vago do que uma definição nessas condições.

«O socialismo é o nome commum de todas as theorias que subordinam mais ou menos completamente o individuo ao Estado e a propriedade individual á propriedade collectiva», diz BERTRAND o especialista em definições, na sua LEXIQUE, de PHILOSOPHIE.

Vemos quanto tem de vago, e é vazia semelhante definição: em primeiro logar o socialismo não é o nome de theorias porque elle proprio constitue theoria ou theorias, e dizer-se, para definil-o, que elle é o nome de theorias é nada dizer; em segundo logar é muito restricto dizer-se que o socialismo subordina o individuo ao Estado e muito vago affirmar que elle pretende a propriedade collectiva.

O prejuizo foi para o verdadeiro socialismo que não foi definido.

Vê-se que horrivel perigo ha em definil-o, perigo que foi desprezado por ENGELS, que mais infeliz do que Bertrand diz:

«O socialismo é o reflexo no pensamento, do conflicto que existe nos factos, entre as forças productivas e as formas da producção».

E' o caso de dizer-se como BOILEY: «*C'est peut-être très fortement pensé, mais on avouera que c'est passablement nebuleux*».

Realmente nada é mais metaphysico do que semelhante definição, cujos termos nem podem supportar uma analyse porque não se destacam: conflictos entre forças de producção e formas productivas produzirão reflexo no pensamento?

MERMEIX, affirmando que a palavra socialismo não póde ter outro sentido se não este, nos diz: «O socialismo é a abolição da propriedade individual». GEORGES RENARD, temendo precisar os termos de uma definição, mas desejando definir, diz: «Observai a sociedade: no alto, os privilegiados, embaixo os desherdados. .a desegualdade social fére a vista

e o coração...a questão social, é a questão da desegualdade social».

Benoît Malon, como que achando pequena para o seu espirito a difficuldade de definir o socialismo, procurou mais vastidão na idéa e formulando o seu socialismo integral vem definindo-o:

«E' o socialismo encarado debaixo de todos os seus aspectos, em todos os seus elementos de formação, com todas as suas manifestações possiveis». Tendo dito antes: O socialismo é a humanidade em marcha para uma civilisação superior levando nas vastas dobras de seu manto constellado, ao mesmo tempo que todas as esperanças de liberdade e de justiça dos opprimidos e dos explorados, todas as altas aspirações mentaes, sentimentaes e estheticas da alma humana.

Poderiamos, para mais fortificar ou affirmar a difficuldade que ha em definir o socialismo na sua accepção a mais lata, trazer para aqui dezenas de definições que a cada passo se nos deparam; mas, não é preciso dizer mais desde que já se disse que debaixo dessa denominação socialismo, filiam-se escolas completamente diversas nas suas bases, nos meios a empregar e nos seus fins.

Sem pretendermos definil-o diremos entretanto, e não vai nisso uma definição, que o socialismo na sua concepção a mais vasta é um conjuncto de theorias e escolas que, comprehendendo a má organisação economica da sociedade, pretende melhoral-a propondo cada uma dessas theorias e usando cada uma dessas escolas meios diversos para fins differentes de melhoramento.

Dividiremos o socialismo em lato e restricto, aquelle comprehendendo o communismo, o collectivismo e o socialismo propriamente dito, e o restricto é este ultimo.

Parece-nos que procedendo desta forma, temos reunido debaixo da expressão generica de socialismo, as tres mais importantes escolas, ou talvez unicas merecedoras desse nome, que giram em torno do problema social e collocado uma dellas debaixo do stricto termo — socialismo propriamente dito, que sem querer a abolição da propriedade individual para substituil-a pelo regimen communista ou collectivo, bifurca-se em duas grandes escolas: a do socialismo catholico contemporaneo cujo chefe é Leão XIII e a chamada impropriamente escola dos socialistas de Estado (que tem como patria a Allemanha).

Somos obrigados a fazer essa classificação embora pareça uma incoherencia nossa; entretanto si assim parecer salve-se já, e fique bem patente, que para nós só ha uma escola socialista: — é a escola do socialismo no sentido stricto ou verdadeiro como a chamamos ou socialismo propriamente dito como querem outros.

As escolas communistas e collectivistas que, sem ser por culpa nossa, fazem parte da nossa classificação, consideramol-as como a ante-camara da anarchia.

Muitos economistas attribuem o desenvolvimento do socialismo no seculo actual, ao contraste que cada vez mais se accentúa entre a egualdade conquistada em quasi todas os ramos da actividade humana e a desegualdade que reina na distribuição da riqueza.

E, não nos parece de todo infundado este modo de ver, porquanto sabemos que é da natureza humana, da sua propria indole aspirar sempre alguma cousa e, a conquista de um direito dá logar ao nascimento de outro direito e á expectativa de outra conquista.

O estado actual das organisações politicas de todos os paizes civilisados reconhece a maior egualdade civil, as proprias desegualdades naturaes como

as desegualdades de intelligencia são minoradas tanto quanto possivel pela instrucção, ao passo que a desegualdade da riqueza torna-se cada vez mais alterosa constituindo uma especie de aristocracia da riqueza ou nobreza monetaria, tornando-se tão perigosa que faz crer que os ricos hão de ser eternamente ricos, como os nobres hão de ser eternamente nobres e os pobres eternamente pobres.

No terreno economico como no terreno politico nada ha tão perigoso como permittir — naquelle a formação de enormes riquezas individuaes, consentindo a sua concentração nas mãos de uma minoria insignificante; neste dar a um só homem ou a alguns todo o poderio governamental, porque o resultado só póde ser um: a dictadura despotica da riqueza e a tyrannia absolutista do governo.

Nem se diga que a desegualdade da riqueza tal qual a vemos no velho mundo é um estimulante á actividade individual, porquanto ella absorve essa actividade fazendo-a instrumento proprio para o seu engrandecimento e não ha estimulante absorvente da cousa que pretende estimular.

A egualdade perfeita é uma utopia, sabemos perfeitamente, mas, a desegualdade exaggerada é aniquiladora do mais fraco pelo mais forte: ou para usar da phrase do grande economista GIDE:

«Quando exaggerada a desegualdade toma um caracter permanente e de alguma sorte fatal, quando ella cria *classes*, quando os filhos dos ricos parecem destinados a ser sempre ricos e os filhos dos pobres sempre pobres, produz resultados funestos mesmo sob o ponto de vista da actividade productora.

«Ella tira a coragem áquelles que estão abaixo da escala, arrebatando-lhes toda a energia para galgal-a; ella adormece os que estão de cima na segurança de uma situação definitiva».

Mesmo na America, affirma o grande economista, ha fortunas cuja renda representa para um só homem renda egual á que poderia manter quarenta ou cincoenta mil familias, e, ninguem póde pretender, nem mesmo os proprios millionarios, que a sua capacidade ou intelligencia sejam cincoenta mil vezes maiores que a intelligencia e capacidade da média de seus contemporaneos.

Desegualdade da riqueza que vai até á desegualdade na vida physica, o que aliás é muito natural, o corollario não podia ser outro, senão o apresentado em uma resumidissima estatistica que encontramos nas notas de Gide:

«Na Inglaterra a duração da vida média nas classes ricas é de cincoenta e cinco a cincoenta e seis annos emquanto que ella se abaixa a vinte e oito annos e menos para a classe operaria.

«Pelas estatisticas da cidade de Paris vê-se que a mortalidade annual que se abaixa de dez por mil nos quarteirões ricos dos Campos Elyseos e do Arco do Triumpho da Estrella, se eleva a quarenta e tres por mil no quarteirão de Monte Parnaso!

«Em Londres peior ainda: a mortalidade é de 11,3 por cento nas casas ricas e cincoenta por cento nas casas muito pobres. Por estes dados vê-se que um homem pobre tem quatro a cinco vezes mais probabilidade de morrer que um homem rico.»

Está pois verificado e nem para tanto é preciso o menor esforço, que a tendencia da organisação economica actual é accumular as fortunas em poucas mãos e essa organisação accentuará mais a sua tendencia si o Estado não intervier pelos diversos meios a seu alcance afim de evitar a catastrophe que já vai produzindo no mundo economico os seus desastrosos effeitos.

O capitalista está certo da sua fortuna, o operario não tem certeza do pão de amanhan, por isso sujeita-se, fatalmente, ás imposições do capitalista, entrega-lhe o seu trabalho que vale dez e que é comprado como um, com isso mitiga a fome e o capitalista com as nove partes do trabalho do operario augmenta a sua fortuna, — tal é em resumo o verdadeiro retrato do estado da organisação distribuitiva do resultado da producção no velho mundo, principalmente na Inglaterra onde a fortuna total é avaliada em 250 bihões, na França com os seus 200 bilhões e na Italia com 54 bilhões sómente (Pantaleoni—Jornal dos Economistas, Agosto 1890, cit. por Gide).

Sendo assim, como é, tão grave a situação economica do velho mundo, é preciso reformar essa organisação, os paizes novos como o nosso verem o exemplo e o Estado tomar a iniciativa de evitar males futuros, observando a economia do velho mundo. Alça o collo ufano e forte o socialismo cujos progressos são tão grandiosos que excedem a mais exaggerada expectativa.

Elle surge, elle avança e elle vencerá affirmam os seus sectarios, mas como? reformando porque tudo que vier será melhor do que existe bradam os mais exaltados.

E' um facto, o socialismo avança.

Na Allemanha, observa Benoit Malon, elle se apoia em um milhão e meio de eleitores, o que representa mais de tres milhões de adherentes e não exaggera esse grande socialista em affirmar esse facto no Prefacio ao seu livro «Précis de Socialisme» escripto em 1892, porquanto Nitti no seu livro o *Socialismo catholico* nos dá uma verdadeira estatistica, cuja eloquencia é enorme e nos mostra que realmente é extraordinaria, é vertiginosa a proporção crescente do socialismo.

«Deputados Socialistas eleitos ao Reichstag:

Em 1871	1	Em 1881	12
» 1874	9	» 1884	22
» 1877	12	» 1887	11
» 1878	9	» 1890	36

Numero de votos em favor dos socialistas.

Em 1871	101.927	Em 1881	311.961
» 1874	351.670	» 1884	549.990
» 1877	493.447	» 1887	763.128
» 1878	437.158	» 1890	1,341.587

Na Catholica *Baviera* os socialistas contam 2.200 associações com 122.000 membros e só na cidade de Berlim ha 100 associações.

De 1878 a 1890 os votos dados aos candidatos socialistas montaram, em *Berlim*, de 57.000 a 126.000; em *Hamburgo*, de 29.000 a 66.000; em *Munich*, de 5.000 a 25.000; em *Madebourg*, de 6.000 a 17.000; *Francfort*, de 4.000 a 12.000; *Königsberg*, de 1.000 a 12.000; em *Hannovre*, de 6.000 á 15.000.

Com esses dados irrecusaveis poderemos dizer que nem a imaginação a mais exaltada poderia sonhar para o socialismo, progresso tão espantoso.

Não é só na Allemanha que esses rapidos progressos do socialismo se têm dado; na França por exemplo, segundo affirma B. Malon no prefacio de seu livro já citado, o socialismo começou conquistando as municipalidades, das quaes trinta estão em seu poder, taes como as municipalidades de *Marseille*, *Roubaix*, *Narbonne*, *Montluçon*, *Commentry*, *Montvicq*, *Bezenet*, *Saint-Ouen*, *Thizy*, *La Ciotad*, *Tours*, *Saint-Denis*, *etc.*, *etc.*, e muitos elementos já conta nas municipalidades de *Paris*, *Lyon*, *Toulon*, *Beaucaire*, *Tolouse*, *Tomscette*, *Béziers*, *Saint-Quentin*, e de muitas outras cidades francezas.

Na Russia, na Suissa, na Belgica, o socialismo tem tido o mesmo desenvolvimento, não ha negar, e, mesmo na America do Norte as enormes legiões de operarios constituem uma força extraordinaria no equilibrio economico do Paiz.

E' a escola economica que tem mais elementos para vencer, derrubando os principios da escola chamada liberal que, segundo o modo de pensar de *Bebel*, chefe da bancada socialista no *Reichstag* Allemão, é que tem dado ao socialismo o progresso que tem tido nestes ultimos tempos.

* * *

Já dissemos que o socialismo no conceito em que é tomado pelos seus sectarios divide-se em communismo, collectivismo e socialismo propriamente dito; já subdividimos este, agora cumpre-nos falar rapidamente de cada uma dessas escolas de per si, deixando de parte todas as theorias e principios que se não filiam a estas escolas, porque classifical-as todas seria um impossivel, tal a sua multiplicidade, crescente dia a dia, num progresso assombroso.

«O Communismo»

Este systema, hoje somente considerado como uma simples utopia, é a forma economica a mais antiga, filha do atrazo e adoptada pela força natural das cousas nas mais incipientes sociedades de remota antiguidade.

Abolir a propriedade individual e constituir todas as cousas a propriedade commum do homem é a pretenção do communismo.

Este systema encontra quasi todos os seus sectarios nos utopistas de seculo XVIII, nesse seculo que no dizer de *Malon* foi o seculo da emancipação do pensamento e do melhoramento da natureza humana, e d'entre a multidão desses utopistas avulta MORELLI que, na opinião do mesmo escriptor, morreu desconhecido deixando uma obra immortal, que foi o seu «*Codigo da Natureza*» o qual sahiu a luz em 1753 sendo attribuido a *Diderot* que soffreu os mais terriveis ataques de seus inimigos.

Estabelecendo que o regimen que ha de produzir a felicidade social é o do bem commum, elle vai além e traça o *modus vivendi* da sociedade organisada conforme a sua theoria:

Propriedade commum da terra, organisação social do trabalho de modo a tornal-o attrahente; as nações constituirão um conjuncto de Republicas federadas, a educação é commum, o casamento deve ser animado para os homens aos dezoito annos, para as mulheres aos quinze annos, elle é obrigatorio dentro dos dez primeiros annos, depois o divorcio é facultativo. As mães alimentam seus filhos até a edade de cinco annos, depois serão educados em commum e outros principios que o seu codigo encerra e de que não nos compete falar.

Muitos utopistas communistas encheram o seculo XVIII de theorias absurdas e entre estes: *Babeuf* filiado ao principio: «a Natureza deu a cada homem um direito egual ao goso de todos os bens», revolucionario que pagou á sociedade o tributo de querer reformal-a, sendo morto em 1797.

Robert Owen, philantropo que inaugurou em *New-Lanark* uma especie de usina communista e, sonhando a fundação de outras, morreu no começo deste seculo.

No seculo actual CABET com o seu communismo *Icariano* fundou a sua colonia communista que segundo consta, existe ainda no Estado de *Iowa*.,

O fim do communismo é a extincção da propriedade individual que elles consideram de direito não existir e os mais exaltados um roubo, e, é a differença que existe entre esse systema e o anarchismo que pretende a destruição de tudo.

Na partilha da riqueza ainda os communistas dividem-se em muitas classes, cada uma preconisando um systema mais justo conforme o seu modo de entender,—e, d'ahi as tres escolas communistas egualitarias, a — cada um conforme sua capacidade ou gráo (theoria utopica Saint-Simoneana), e — a cada um segundo as suas necessidades.

Nenhuma dessas escolas tem um fundamento serio, todas ellas se fundam no absurdo: — a primeira confunde todos os homens, sem indagar qual o seu trabalho e manda que lhes seja distribuida a riqueza; a segunda esbarra logo ao ensaiar o primeiro passo numa difficuldade insuperavel, vicio de origem: quem verificaria a capacidade de cada um para fazer a distribuição? quem verificaria a necessidade e quem sujeitar-se-ia a trabalhar para cobrir as necessidades dos outros?

O communismo como systema economico social é um systema de todo abandonado e nem mesmo na pequena sociedade, que é a familia, elle se póde manter, porque é da indole do homem querer distinguir aquillo que lhe pertence, e é da sua natureza — o egoismo.

Além de tudo, ainda que não fosse verificado esse ultimo facto, o communismo precisaria para dominar, sociedades mui pequenas, compostas de quando muito mil membros e não é essa a tendencia social que é profundamente contraria, constituindo-se em grandes centros populosos.

Seria preciso além disso uma disciplina enorme entre os membros das sociedades communistas o que entretanto é negado por elles.

O unico exemplo que encontramos da communhão dos bens é nas congregações catholicas, nos conventos (alguns) e nas pequenas reuniões feitas pelos padres que cathechisavam os indios paraguayos — ahi havia para ligar os membros da sociedade a superstição e a fé.

O Collectivismo

Mais aperfeiçoada que a theoria do communismo é a theoria do collectivismo, que conta entre os socialistas muitos sectarios. Menos pretenciosos que os communistas, os collectivistas dividem a riqueza em duas partes, fazendo uma collectiva e outra individual, permittindo portanto que os individuos adquiram e gosem um certo numero de cousas. Porisso dissemos que era o communismo mais aperfeiçoado porque não pretende como elle, ao menos tanto, buscar os regimens das antiquissimas ou incipientes sociedades para governar a economia das sociedades modernas.

Dar ao individuo o direito de possuir uma certa porção de riquezas, conceder á collectividade outra parte de riquezas, eis, generalisando o mais possivel, — o collectivismo.

Mas, como se já não fosse gigantesco, difficilimo mesmo realisar semelhante theoria, apparecem entre os sectarios da doutrina as maiores divergencias na maneira de determinar a partilha do que deve pertencer á collectividade e do que deve possuir o individuo.

Não encontramos nenhuma theoria egual a outra theoria entre todos os collectivistas que lemos. Vemos na Allemanha os dous judêos *Karl Marx* e *Lassalle* pregando pelos seus livros theorias oppostas. Na França *Vidal* e *Pecqueur* discutem sobre o modo

de differençar os instrumentos de producção e os objectos de consumo; *Huet* preconisa os beneficios do seu systema que havemos de ver; *Lavargue* o marxista intransigente e *Benoit Malon* na sua revista socialista estão em desaccordo; na Belgica o *Barão de Coulins*, talvez um dos primeiros defensores do collectivismo, apresenta outro modo de organisação; *Schæffle* na sua QUINTESSENCE DU SOCIALISME apresenta theoria diametralmente opposta ao collectivismo de *Henry George* o collectivista americano.

Quanta discordancia sobre o ponto principal de uma escola?!

E' preciso dividir a riqueza entre a collectividade e o individuo, concordam os collectivistas, mas como accordar nesse ponto si elles não podem combinar, não sabem como vão dividir? que bens serão divididos?

Vê-se pois, que é um accordo sómente para crear doutrina, dando o nome a uma escola que percorra livros em citações, levando para o futuro o resultado da desorganisação do presente.

O grande argumento dos collectivistas para justificar a sua doutrina é que outr'ora havia harmonia entre a maneira de repartir e produzir a riqueza, porquanto a propriedade e a producção eram collectivas, mas, veiu o desenvolvimento da grande industria, do grande commercio fazer a producção individual desapparecer e entretanto a distribuição continúa a ser fundada sobre a propriedade individual, produzindo assim um antagonismo contrario á logica da evolução: *que a um modo de producção collectiva corresponde uma forma de propriedade collectiva.*

Vejamos uma das formas do collectivismo: A collectividade terá os instrumentos de producção — a terra e os capitaes, os individuos terão outros pro-

ductos; como meio de fazer passar ao regimen collectivo esses instrumentos de producção, apresentam os sectarios a desapropriação e, realisada esta, syndicatos operarios agricolas ou industriaes sob a direcção de gerentes eleitos que levem a renda produzida para uma caixa social, e depois de satisfeitas as despesas sociaes o resto será dividido pelos trabalhadores que a produziram os quaes serão proprietarios da parte que lhes couber.

Assim, affirmam os collectivistas, desapparecerão as desegualdades sociaes pela accumulação de capitaes, —a ociosidade e o parasitismo, o trabalho excessivo, o pauperismo.

Não ha a menor duvida; é o regimen da felicidade; mas como realisal-o si nem mesmo em theoria podem os seus sectarios distinguir os instrumentos de producção e os objectos de consumo?

E é a primeira objecção que se lhes faz, cuja resposta, não satisfazendo, leva o collectivismo na phrase de GIDE a perder a sua originalidade scientifica e a se confundir com os vulgares systemas egualitarios.

Assim o mesmo economista, talvez imitando LEROY BEAULIEU com o seu exemplo humoristico transformando a agulha de coser da mulher em riqueza productiva quando remenda a roupa do visinho, diz que: um hotel nos Campos Elyseos com a sua mobilia sumptuosa, suas galerias de quadros, seus cavallos e suas equipagens nas cocheiras e seu bello jardim, tem objectos de consumo; — uma barca de pescar com as suas linhas é um objecto de producção, a primeira dessas propriedades poderá ser propriedade individual, a segunda não». O bom senso accrescenta *Gide* se revolta com este pensamento.

Supponhamos que se estabelecesse esse regimen na melhor hypothese possivel. Poder-se-ia manter a egualdade da riqueza que elle preconisa?

de differençar os instrumentos de producção e os objectos de consumo; *Huet* preconisa os beneficios do seu systema que havemos de ver; *Lavargue* o marxista intransigente e *Benoit Malon* na sua revista socialista estão em desaccordo; na Belgica o *Barão de Coulins*, talvez um dos primeiros defensores do collectivismo, apresenta outro modo de organisação; *Schæffle* na sua QUINTESSENCE DU SOCIALISME apresenta theoria diametralmente opposta ao collectivismo de *Henry George* o collectivista americano.

Quanta discordancia sobre o ponto principal de uma escola?!

E' preciso dividir a riqueza entre a collectividade e o individuo, concordam os collectivistas, mas como accordar nesse ponto si elles não podem combinar, não sabem como vão dividir? que bens serão divididos?

Vê-se pois, que é um accordo sómente para crear doutrina, dando o nome a uma escola que percorra livros em citações, levando para o futuro o resultado da desorganisação do presente.

O grande argumento dos collectivistas para justificar a sua doutrina é que outr'ora havia harmonia entre a maneira de repartir e produzir a riqueza, porquanto a propriedade e a producção eram collectivas, mas, veiu o desenvolvimento da grande industria, do grande commercio fazer a producção individual desapparecer e entretanto a distribuição continúa a ser fundada sobre a propriedade individual, produzindo assim um antagonismo contrario á logica da evolução: *que a um modo de producção collectiva corresponde uma forma de propriedade collectiva.*

Vejamos uma das formas do collectivismo: A collectividade terá os instrumentos de producção — a terra e os capitaes, os individuos terão outros productos; como meio de fazer passar ao regimen collectivo esses instrumentos de producção, apresentam os sectarios a desapropriação e, realisada esta, syndicatos operarios agricolas ou industriaes sob a direcção de gerentes eleitos que levem a renda produzida para uma caixa social, e depois de satisfeitas as despesas sociaes o resto será dividido pelos trabalhadores que a produziram os quaes serão proprietarios da parte que lhes couber.

Assim, affirmam os collectivistas, desapparecerão as desegualdades sociaes pela accumulação de capitaes, —a ociosidade e o parasitismo, o trabalho excessivo, o pauperismo.

Não ha a menor duvida; é o regimen da felicidade; mas como realisal-o si nem mesmo em theoria podem os seus sectarios distinguir os instrumentos de producção e os objectos de consumo?

E é a primeira objecção que se lhes faz, cuja resposta, não satisfazendo, leva o collectivismo na phrase de GIDE a perder a sua originalidade scientifica e a se confundir com os vulgares systemas egualitarios.

Assim o mesmo economista, talvez imitando LEROY BEAULIEU com o seu exemplo humoristico transformando a agulha de coser da mulher em riqueza productiva quando remenda a roupa do visinho, diz que: um hotel nos Campos Elyseos com a sua mobilia sumptuosa, suas galerias de quadros, seus cavallos e suas equipagens nas cocheiras e seu bello jardim, tem objectos de consumo; — uma barca de pescar com as suas linhas é um objecto de producção, a primeira dessas propriedades poderá ser propriedade individual, a segunda não». O bom senso accrescenta *Gide* se revolta com este pensamento.

Supponhamos que se estabelecesse esse regimen na melhor hypothese possivel. Poder-se-ia manter a egualdade da riqueza que elle preconisa?

Absolutamente não, porquanto os trabalhadores, recebendo da collectividade a parte que lhes toca, poderiam reconstruir com as suas economias uma nova riqueza que seria empregada em adquirir instrumentos de producção, os quaes seriam apropriados pela collectividade com grave offensa á Justiça, ou essa riqueza viria constituir objecto de luxo no consumo, o que levaria a paralysação a essa parte de riqueza que poderia ser applicada em produzir. Não é pois o collectivismo o regimen salvador que evitará os perigos do communismo salvaguardando a liberdade individual.

Não é sómente a forma enunciada que constitue o collectivismo: alguns querem dar á collectividade a propriedade do sólo sómente e é o systema americano *nationalisation of land;* outros attribuem ao Estado a propriedade dos capitaes e do sólo; outros sómente dos capitaes fixos; outros dos capitaes circulantes não dando ao individuo senão a possibilidade de adquirir objectos de goso como producto immediato do trabalho.

O grande economista LAVELEY, cuja leitura em todas as suas obras deleita o nosso espirito pelo talento invejavel da exposição, dá-nos uma noção perfeita do collectivismo trasladando para o seu livro «Le Socialisme» as theorias do socialista belga barão de *Coulins*.

O socialista belga, formando com os seus discipulos uma philosophia toda propria em que reconhecem a immortalidade do nosso ser espiritual e negam a Deus, chamando este ser espiritual *sensibilidade* diz que «O homem só trabalha, o homem só é agente, propriamente falando. A materia é o *paciente* sobre o qual o homem age, com o fim de produzir. Primitivamente não existia senão o homem e o planeta sobre o qual elle se desenvolveu: de

um lado o trabalho, de outro o sólo ou a materia absolutamente primaria, sem a qual todo o trabalho seria impossivel. Mas, do concurso destes dous elementos da producção, nascem logo bens de uma especie particular, nos quaes o trabalho está por assim dizer accumulado, e que são moveis, destacados do planeta:—é o capital.

Elle favorece a producção, é o instrumento do trabalho Mas, para o applicar é necessario uma materia sobre a qual elle seja applicado. Da necessidade para o homem de uma cousa sobre a qual elle possa exercer suas forças resulta a importante consequencia: O trabalho é livre quando a materia primaria ou o sólo lhe pertencem; é escravo no caso contrario. O homem não pode então exercer sua actividade senão com a permissão dos detentores da materia; e aquelle que tem necessidade da auctorisação de outrem para agir não é evidentemente livre. Ora, para que todos os membros de uma sociedade sejam e não possam cessar de ser proprietarios do sólo nacional, é preciso que esse seja apropriado collectivamente.

Para que o sólo seja propriedade collectiva é preciso: 1.º que elle se ache á disposição de quem queira usal-o, e 2.º que a renda paga pelos locatarios á sociedade seja despendida em proveito de todos. Ha pois para o socialista belga duas organisações sociaes bem distinctas: uma—a actual na qual o solo é alienado aos individuos ou a certas classes de individuos, e o trabalho, escravo; outra, que é o regimen do futuro, no qual o solo será collectivo e o trabalho livre. (LAVELEY).

Quando o trabalho é livre diz COULINS, a riqueza de cada um augmenta em proporção á pena que soffre, quando o trabalho é escravo as riquezas de cada um crescem em proporção do capital que accu-

mula. D'ahi as duas consequencias tiradas pelo mesmo socialista.

Quando o sólo é apropriado individualmente, a riqueza de uns e a indigencia de outros crescem parallelamente e proporcionalmente aos desenvolvimentos da intelligencia da sociedade. Quando o solo é apropriado collectivamente as riquezas de todos augmentam proporcionalmente á actividade de cada um e na medida dos progressos da civilisação.

Emfim, pelo socialismo belga a organisação futura da sociedade será esta:

Todos os homens sendo livres em direito, devem todos ser collocados em condições socialmente eguaes de trabalho. O homem é livre e o seu trabalho tambem o deve ser. Para isso a materia deve ser subordinada á intelligencia; o trabalho deve possuir o solo e o capital e assim o salario deve ser o *maximum* possivel. (LAVELEY—*Le Socialisme.*)

Ninguem póde discordar de LAVELEY em affirmar que ha pontos bem obscuros neste systema.

Apesar de COULINS e seus discipulos terem philosophado tanto, procurando explicar a funcção social do homem só e os effeitos do trabalho individual e collectivo, não conseguiram provar cousa alguma, nem tampouco lançar as bases de um regimen economico: não explicaram o que seria a collectividade e que parte de capitaes a essa deveria pertencer, o que é cousa principal.

Serve entretanto essa theoria para termos uma idéa do que seja collectivismo.

LAVELEY apresenta ainda a theoria collectivista de FRANCOIS HUET, professor da Universidade de Gand, que nessa cidade reunia os seus discipulos entre os quaes LAVELEY para estudar os problemas da organisação social, e foi nessas discussões, diz LAVELEY, onde todos estavam com o espirito dominado pelas

idéas egualitarias que «se formaram em mim convicções que não têm variado desde então e que têm sido confirmadas pelos acontecimentos contemporaneos».

Diz HUET: Juridicamente os homens são eguaes. Livremente o individuo deve se desenvolver, mas a condição da liberdade é a propriedade. A propriedade é pois um direito natural e como tal pertence a todos os homens.

Cada um poderá dispôr dos bens adquiridos por seu proprio trabalho, e não dos bens que recebeu a titulo gratuito ou como legados; a herança não será admittida, mas o testamento e a doação entre vivos são auctorisados.

Repelle HUET toda a intervenção do Estado na organisação do trabalho: « o individuo na posse do seu patrimonio trabalha isolado, ou se associa a outros, mas, livremente sem privilegios, sem corporações ».

Não comprehendemos como Huet concebia a realisação do seu *luminoso* plano: cada homem senhor do seu patrimonio trabalharia por si e para si, mas, e o resultado dessa producção? será tambem recolhido á caixa do Estado para ser dividido por todos? Parece-nos que não, porquanto repugna a Huet toda a intervenção do Estado na organisação do trabalho e seria incoherencia admittil-o. Si não é assim, dentro em pouco tempo seria resuscitado o regimen actual da propriedade individual pela accumulação de capitaes produzindo propriedades. E mais: desde que o individuo não póde transmittir aos seus descendentes por herança o que produzir demasiado ao seu proprio sustento, qual será o incentivo para o augmento da producção, qual será o interesse de progredir? Vemos que o illustre professor da Universidade de Gand idealisou bem uma theoria, mas não cogitou dos meios de sua realisação.

Parece-nos, talvez erradamente, que das especies theoricas do collectivismo a que está mais assentada ou pelo menos mais bem explicada é o collectivismo da *nationalisation of land*, que tem conseguido muitos adeptos na Inglaterra e que produziu nos Estados Unidos enorme successo quando appareceu o famoso livro de HENRY GEORGE, *Progress and Poverty*, onde o seu talento extraordinario, verdadeiramente *yankee*, estabelece com uma segurança convencida qual a causa da miseria nos centros populosos ou nos logares onde justamente ha mais riquezas, mais productos luxuosos, onde mais a industria avança.

Estabelecendo isso com a sua linguagem extremamente fluente, mostra que sendo: a terra, o trabalho e o capital os agentes da producção, cada um é remunerado por uma parte do producto que se chama a renda para as terras, o salario para o trabalho e o proveito para o capital. O producto é pois egual á renda mais o salario e mais o proveito. A renda augmentando menores serão o salario e o proveito, porque producto menos renda é egual a salario mais proveito.

Determinados assim os termos da proporção de George, quaes são para elle as causas do augmento da renda?

E' o augmento da população, o progresso da industria, os aperfeiçoamentos technicos que diminuem as despesas da producção contribuindo para augmentar os beneficios aos cultivadores e portanto a renda dos proprietarios, acabando o beneficio de todos os melhoramentos e de todos os progressos por se condensar nas mãos dos proprietarios, não tirando disso o trabalhador o menor lucro, antes ao contrario, porquanto elevar-se-ão de preços os generos alimenticios e vem o pauperismo.

E, pretendendo ter provado mathematicamente a sua asserção: que o augmento da renda da terra é que traz o pauperismo como consequencia da desorganisação do trabalho, GEORGE para mais firmal-a vai ao dominio dos factos e vem dizendo que ha poucos annos a California tinha poucos capitaes, a industria ainda não estuava nessa terra, não havia grandes cidades e palacios, o *squatter* habitava uma choupana, mas todo o mundo vivia feliz e não havia absolutamente pobres. Hoje São Francisco é a cidade rica dos millionarios, o capital se accumula com uma rapidez inaudita, entretanto o salario cahiu em mais da sua metade e nessas ruas bordadas de moradas principescas, illuminadas a gaz e onde rodam sem cessar magnificas equipagens, o proletario apparece e esses barbaros, mais temiveis que os Godos e os Vandalos de que falava Macaulay na sua carta prophetica, tornam-se cada dia mais numerosos. Ide por toda a parte: o mesmo contraste encontrareis: lá onde o capital é mais abundante é que ha mais miseria: vide Paris e Londres ».

Assim se exprime eloquentemente HENRY GEORGE continuando a mostrar que nas sociedades primitivas consideradas como pobres, não havia, é facto, grandes riquezas, mas não havia tambem o pauperismo. Hoje que na sua phrase: a arvore da floresta é feita em pranchas, transformada em portas e janellas sem que a mão do homem trabalhe senão para guiar os engenhos que trabalham por si, hoje que as machinas cyclopeas forjam massas d'eixos collossaes ao mesmo tempo que fazem objectos de uma delicadeza infinita, hoje que o trabalho está no auge do seu aperfeiçoamento, porque persiste e augmenta a miseria nos proprios logares onde se produz tanta riqueza?

E' a renda da terra que augmenta na proporção que já estabeleceu, trazendo como consequencia o

pauperismo se desenvolvendo na razão directa das riquezas.

Para evital-o HENRY GEORGE não vê senão um meio: é attribuir ao Estado a propriedade da terra.

Mas, como? desapropriando o Estado a propriedade individual do solo para fazel-a collectiva? não, HENRY GEORGE não quer como outros collectivistas a desapropriação (com ou sem indemnisação); elle vai buscar no imposto o regimen salvador, resuscitando talvez o regimen *physiocrata* dizendo que para conseguir o seu desideratum, bastaria elevar o imposto de modo a absorver a renda, podendo-se supprimir todos os outros impostos, o que traria o bem estar geral.

Seria um regimen applicavel esse de GEORGE si não fôra o exaggerado de suas proposições.

Não é só o augmento da renda da terra que absorve, diminuindo, o salario do trabalhador: si de facto o producto é o resultado da renda mais o salario, mais o proveito e si o proveito augmenta o que é verdadeiro, porque o capital cada vez mais se accumula, a diminuição do salario é devida ao augmento da renda e do proveito e portanto o salario diminue na razão directa do augmento do proveito do capital e da renda da terra.

Obrigar o proprietario e o capitalista por meio do imposto a dar ao trabalhador para produzir a terra e o capital, é talvez resolver o problema social; mas dar ao Estado a renda da terra é talvez fazer continuar o mesmo estado de desorganisação economica ao envez de proteger o salario, proteger e levantar o proveito do capital.

A *nationalisation of land* por si não é, entretanto, a aspiração dos collectivistas contemporaneos cujas divergencias já assignalámos.

SCHAEFFLE — não quer como GEORGE o collectivismo parcial; para elle o sólo e todos os immoveis e

tudo que constitue uma riqueza capaz de produzir outra riqueza deve fazer parte do dominio collectivo. Não attribue portanto só á renda da terra a diminuição do salario do operario e tem razão nesse ponto, porquanto a necessidade do capital vai crescendo extraordinariamente como crescem as necessidades sociaes e portanto sendo necessaria cada vez mais a sua applicação, maior será o seu proveito.

Tudo que é exaggerado não organisa nem reorganisa, antes destróe e corrompe—é um principio pratico de grande verdade. Não resolvem absolutamente o problema essas theorias collectivistas que temos exposto, mais ou menos commentadas, pelo exaggero que têm, devido exclusivamente ao desejo de possuir uma certa somma de originalidade; além disso o gravissimo erro de as doutrinas não serem o resultado da observação especificada dos phenomenos economicos que se dão em determinados paizes, sabendo-se entretanto que elles variam de paiz a paiz e mesmo de Estado a Estado. Cada um dos collectivistas estuda o logar em que está e escreve um systema para ser applicado universalmente — eis o erro.—GEORGE, por exemplo, estuda a organisação economica da repartição dos productos nos Estados Unidos, que constituem uma excepção no mundo pelo progresso rapido que têm tido e vem nos dar como systema salvador a sua nacionalisação do sólo, pela apropriação pelo Estado da renda da terra; mas isto seria proveitoso num paiz em que o sólo não fosse fertil? seria salvador num paiz essencialmente capitalista como a Inglaterra? essencialmente agricola como o nosso?

D'ahi as controversias, os erros que fazem com que os espiritos bem equilibrados considerem utopias estas theorias.

Pretendemos ter exposto em breves linhas as theorias dos escriptores que se arregimentam debaixo do nome de collectivistas; resta-nos falar ligeiramente daquelles que chamaremos extraviados e. para não enchermos inutilmente o nosso espaço, trataremos mui resumidamente dos dous israelitas: KARL MARX e FERDINAND LASSALLE.

KARL MARX adquiriu na Allemanha grande influencia, sendo finalmente expulso pela violencia com que tratava a «burguezia».

Fundando todas as theorias do seu livro «*Das Kapital*» sobre os principios de *Bastiat*, *Smith* e *Ricardo*, KARL MARX considera que a fonte unica de riqueza é o trabalho e depois de expor largamente como o trabalho vai formando o valor, diz que o tempo de trabalho gasto em fazer uma cousa é que serve para medir o valor dessa cousa, cahindo assim em erros, porquanto o tempo de trabalho nada influe sobre o valor da cousa, attendendo-se que esse tempo pode ser muito longo para fazer uma utilidade insignificante ao passo que muito curto para fazer uma obra d'alto valor e, mesmo, porque não se pode estabelecer a egualdade do trabalho no fabrico de uma ou outra cousa.

Estabelecendo a medida do valor elle passa a mostrar como nasce o capital, nascimento que não se dá pela economia como quer «a economia politica vulgar», nem pela troca, onde um perde e outro ganha, não se creando outro valor: «o homen compra machinas, materias primas, e a força do trabalho opéra, unica fonte de todo o valor, produz novas utilidades, as vende mais caro ou por maior preço do que lhe custára fabrical-as, obtem assim um valor maior *(Mehrwerth)* e a transformação do dinheiro em salarios e mercadorias reapparece como capital.

*M*ARX diz depois que o que produz a opulencia de um lado e de outro o pauperismo ou a miseria, é que o operario produz muito mais do que recebe, e affirma que um homem recebe de salario sómente seis horas de seu trabalho, e nas outras seis horas que faltam (porque elle trabalha doze horas por dia) e que elle poderia empregar no serviço proprio ou ao descanço, elle produz crescimento de valor (MEHRWERTH) em proveito daquelles que o empregam.

D'ahi segue-se que o capitalista augmentará a sua fortuna e o operario a sua miseria.

Na opinião pois de MARX o capital não produz valor, o trabalho transformando-o é o elemento novo que se lhe aggrega para formar o valor.

Mas tudo isso não vai além dos limites de mera doutrina porquanto o meio pratico para evitar o pauperismo MARX não nos dá, nem tampouco nos mostra.

Não deixa, entretanto, de ser verdadeiro o facto muito provado de que o operario não recolhe o producto total do seu trabalho e sendo assim que a miseria em que vive é o resultado desse facto.

Reveste-se entretanto de muito exaggero a theoria de KARL MARX attribuindo sómente ao trabalho do operario a faculdade de crear o capital, e elle é incoherente com as suas proprias theorias quando nos affirma esse facto e nos diz determinando o nascimento do capital que o trabalho, movendo a machina e transformando a materia prima, produz uma cousa de menor valor que é o capital. E' pois incoherente dizendo-nos que o trabalho sómente produz o valor e mostrando-nos depois que esse se associa ao capital para produzir o capital.

FERDINAND LASSALLE, tambem israelita, temperamento fogoso de revolucionario, generoso e altivo, por diversas vezes foi preso e condemnado a alguns mezes de prisão.

Um dos factos mais importantes da sua vida cheia de agitações, foi a defesa da Condessa de Hatzfeld, o que lhe trouxe grandes difficuldades; finalmente foi Lassalle morrer num duello que teve com um diplomata bavaro devido a este oppor-se ao seu casamento com a sua filha.

LASSALLE considerava que o operario não póde actualmente melhorar o seu estado economico porque se acha sob o governo de «*la loi d'airain*», que é a lei em virtude da qual, sob a acção da offerta e da procura, o salario médio é reduzido á quantia indispensavel para manter a vida do operario.

Pensa elle que todas as tentativas tendentes a melhorar a vida do operario serão infructiferas sem que se modifique a organisação economica do trabalho, abolindo-se essa lei do salario o menor possivel.

Actualmente para produzir com successo, observa LASSALLE, são precisos grandes capitaes; o trabalhador isolado ou o pequeno industrial são esmagados pela lei da concurrencia e o operario, não podendo ser independente, é obrigado a vender o seu trabalho, para poder subsistir.

Assim o grande industrial aufere o proveito de todo o trabalho do operario, proveito que vai cada vez augmentando mais com os melhoramentos ou aperfeiçoamentos industriaes, ao passo que o salario vai diminuindo pela concurrencia de homens que precisam vender trabalho.

O contracto feito entre o capitalista e o operario, ainda accrescenta o grande agitador allemão, é obrigatorio para este, não é livre como querem alguns, porquanto o operario é obrigado pela fome a alugar o seu trabalho por aquillo que lhe querem dar.

O capital, diz elle, é o trabalho accumulado, mas não o trabalho do capitalista e sim o trabalho do operario que na sua opinião, tendo hoje a liberdade

politica, é hoje economicamente tão constrangido como o servo da Média Edade — é o operario ao serviço do capital, estando pois trocados os papeis porquanto o homem cria o capital para servil-o e não para escravisal-o.

Para que o operario receba ao envez do salario *minimum* o producto integral do seu trabalho, é preciso que se favoreça a creação das sociedades cooperativas de producção, onde o operario é proprietario do capital, dirige a empresa e tira todo o producto do seu trabalho.

Ao Estado compete fazer essa transformação na economia do trabalho, favorecendo a creação das sociedades cooperativas de producção e por esse meio tudo terá a lucrar o operario.

E' essa a opinião de LASSALLE, que chegou a influenciar o então Conde de Bismarck, *chanceller do Imperio Allemão*, o qual, conferenciando com o *Imperador*, pensara que ao exemplo da Inglaterra onde têm florescido as sociedades cooperativas podia a Allemanha proteger a sua creação com o fim de melhorar as condições infelizes do operario.

Uma das objecções que se fazem ao regimen das sociedades cooperativas é a difficuldade de se encontrar um gerente que leve a effeito a empresa e essa difficuldade, dizem elles, torna-se maior quando, sendo todos os operarios socios capitalistas é preciso que tenham um espirito mutuo de concessões para o fim de conseguir a harmonia.

Acredita LASSALLE que assim terá cada operario uma parte correspondente ao seu trabalho, revivendo portanto a formula do idealista *Saint Simon:*

«A cada um segundo suas capacidades, a cada capacidade conforme suas obras».

Nega LASSALLE que a herança actual, tal como existe entre nós, seja uma instituição viva que tenha

raizes no sentimento moral e juridico da época — tem soffrido diversas modificações variando na opinião dos legisladores.

Faz depois o grande agitador um retrospecto da instituição hereditaria, estudando-a entre os romanos, affirma que elles crearam a successão testamentaria porque acreditavam que a vontade do defuncto passava á pessôa do herdeiro designado.

Considerando o direito germano observa LASSALLE que elles consideravam o patrimonio como pertencente, conjunctamente, a toda familia e assim os filhos nada mais faziam senão entrar na administração dos bens de que elles já eram coproprietarios. Essas idéas modificadas são as de hoje, porém sem raizes em nossas crenças (M. DE LAVELEYE).

Algumas objecções de certo peso têm sido feitas ás idéas de LASSALLE e entre essas a que nos parece mais criteriosa é de H. VON SYBEL dizendo que os povos não acreditam mais no direito divino, mas conservam os seus reis porque a experiencia lhes tem mostrado que a realeza lhes conserva a liberdade e prosperidade publica; assim a instituição da herança é mantida sómente como um objecto de culto supersticioso.

A differença entre as idéas de LASSALLE e MARX, muito bem o dizem RUDOLF MEYER e LAVELEY, está nos meios de realisar a transformação social: um é internacionalista, considera e vê a Europa inteira, é Marx; outro, é simplesmente allemão, só vê a Allemanha, é Lassalle que quer a transformação de um só Estado isolado que aos outros sirva de exemplo.

Eis succintamente como nos convem expostas as theorias dos dous grandes socialistas MARX e LASSALLE, cujas escolas não cabem nos moldes das theorias collectivas, nem communistas, nem socialistas propriamente ditas, e por isso os chamamos extraviados.

LASSALLE foi um idolo da classe operaria, MARX foi o infallivel dos socialistas allemães, sendo verdadeiro o conceito que do ultimo faz Garofalo que o critica, que o chama de utopista, mas confessa que as suas theorias cavaram funda impressão no mundo economico da Allemanha.

Tinhamos razão, é facto, em affirmar que a escola collectivista parte-se em diversas theorias, que são baptisadas, ou são chamadas mais ou menos arbitrariamente.

Ha, como vimos, um accordo, que é em dar á collectividade uma somma de riquezas; a divergencia é pois na distincção das riquezas que devem ser consideradas collectivas, daquellas que devem pertencer ao individuo.

Assim, depois de termos de um modo assaz resumido falado geralmente das diversas theorias que se enfeixam debaixo da denominação de «collectivismo», vamos classifical-as de accordo com o modo de pensar de B. MALON que, lamentando estarmos tão longe de explendidos futuros que elle descreve, diz que o collectivismo nada mais é que uma esperança se apresentando sob diversas formas:

1.º

O COLLECTIVISMO EMPHYTEUTICO

O Estado — possuidor da terra, não a poderá alienar, mas á semelhança de emphyteuse, a entregará a cultivadores emphyteutas sob uma contribuição prefixada, que constituirá a renda social.

1.º

«O COLLECTIVISMO INDUSTRIAL»

Esta theoria, tão ardentemente defendida por Contantino Pecqueur na sua obra apresentada em 1836

á Academia de Sciencias Moraes e Politicas de Paris, sob o titulo « Os interesses do Commercio, da Industria, da Agricultura e da Civilisação em geral » consiste em dar á collectividade (ou *socialisar* na phrase de Pecqueur) as instituições de credito, os caminhos de ferro, as minas, servindo as rendas para gradualmente transformar a posse das riquezas productivas dando-as á collectividade.

Esta concepção do antigo *Saint-simonismo*, seguida por *François Vidal* e *Augusto Blanqui*, teve grande influencia no proletariado francez desde que *Louis Blanc* a expoz na sua organisação do trabalho, precisando-a com a maior eloquencia.

O Estado, senhor do credito, caminhos de ferro e minas, commanditaria com as enormes rendas que auferisse as sociedades industriaes dos trabalhadores.

3.º

O Collectivismo Coulinsiano

(Do Barão de Coulins)

Vimos que Coulins era de opinião que o Estado teria de se apropriar do sólo e de uma parte dos capitaes.

4.º

O Collectivismo Internacionalista

(Congresso de 1868-69-74)

Foi seu propagador Cezar Paepe que, partindo do principio que «a sociedade tem o direito de abolir a propriedade individual do sólo e dos grandes instrumentos industriaes», devia empregar como meios de realisar essa apropriação o imposto sobre a herança, imposto unico, directo e progressivo; apossar-se das instituições de credito, caminhos de ferro, minas, canaes e quaesquer monopolios, indemnisando.

5.º

O Collectivismo Revolucionario

Forma que nós chamaremos anarchica, baseada no internacionalismo de Marx, tendo como meios de realisação o unico compativel com a sua indole — a desapropriação violenta das propriedades dos «burguezes» pelo proletariado sublevado e senhor dos poderes publicos.

6.º

O Collectivismo Agrario

(Nacionalisation of Land) — Forma collectiva que tem produzido grande successo na Inglaterra e Estados Unidos, preconisado naquelle paiz por Herbert Spencer *(Estatistica Social)* e neste por Henry George *(Progress and Poverty)*. Tem influido extraordinariamente na Irlanda.

7.º

O Collectivismo Reformista

Forma que B. Malon chama sua e que não é mais do que um mixto de collectivismo industrial e agrario.

8.º

Collectivismo Anarchista

Sustentado pelos internacionalistas hespanhóes, suissos e italianos, differe, mas subtilmente, do collectivismo revolucionario e não nos deve preoccupar a attenção.

* * *

Além e fóra dessa classificação existem ainda muitas theorias expostas e dentro dessa classificação sómente os collectivismos agrario e emphiteutico merecem critica.

Já os estudamos embora ligeiramente, delles não nos occuparemos mais.

Tratemos do socialismo propriamente dito e procuremos tanto quanto possivel resumir as idéas dos seus apostolos.

Socialismo

(Propriamente dito)

Debaixo dessa denominação collocamos, já o affirmamos, o socialismo catholico de Leão XIII e o socialismo scientifico ou, segundo alguns, allemão.

Não ha a menor duvida e não se pode negar que dos elementos da producção o trabalho é o mais importante, porque é a forca humana em movimento, é o esforço do homem fecundando a terra e obrigando-a a produzir a maior somma de riquezas possivel; é o emprego de uma existencia humana na direcção das machinas industriaes; e, si isso é um facto, entretanto é forçoso confessar que entre os tres elementos da producção no velho mundo é o *trabalho* que tem a minima parte.

O capital chamado a satisfazer ás exigencias extraordinarias da grande industria aufere proveito extraordinario; a terra submettida aos processos chimicos modernos produz renda assombrosa; o trabalho por inversão da ordem economica, ao envez de ter como instrumento o capital, é um alugado daquelle; ao envez de exercer funcções activas sobre a terra — é um escravo.

E, quando se pensa que realmente existe uma organisação economica entre os tres elementos da producção é porque não se observa que a massa dos capitaes europeus, crescendo assombrosamente a ponto de precisar derramar-se pelo novo mundo, é o contraste frisante com a miseria da classe operaria que

é o trabalho — classe que mal póde manter a sua subsistencia; — segue-se portanto que o proveito do capital absorve grande parte do que devia competir ao trabalho.

E a lucta entre o trabalho e o capital é impossivel, porque este é o capitalista, aquelle o operario; este precisa viver e aquelle é riqueza — d'ahi a sujeição do operario na entrega do seu trabalho que vale 10 recebendo 1, e isso não é mais do que a escravisação do esforço humano, escravisação que é egual á dos passados tempos. A civilisação diz ao homem tu és livre, mas o capital o obriga a trabalhar toda a existencia, dando-lhe, si é que dá, o alimento indispensavel á vida; o salario actual é o alimento que o senhor de escravos lhes dava antigamente obtendo todo o esforço material da actividade humana.

O capital cresce dia a dia e o salario diminue na mesma proporção; o que elle perde ganha o capital, a desorganisação está patente. Que será preciso fazer?

Não é com essas theorias exaggeradas, que o senso commum repelle como inexequiveis no estado actual da sociedade, que esta será economicamente melhorada, o mal é grande e tão grande que si fosse possivel fazer uma reforma radical como resultado viria a anarchia.

Será licita a intervenção do Estado? Será uma coacção da liberdade? E' possivel a divisa da escola liberal: *laissez faire — laissez passer?* As reformas introduzidas e firmadas pelo Estado produzirão o seu effeito?

São as perguntas que acodem ao nosso espirito e em cujas respostas havemos de firmar a nossa doutrina.

Será necessaria a sancção material, coercitiva do Estado como poder publico? ou bastará a sancção

espiritual, a influencia da Igreja que, tendo a frente Leão XIII, empenha-se nesta cruzada difficillima de libertar ou ao menos mitigar os rigores dos escravos do capital?

Responderemos: a sancção material é mais efficaz, a espiritual é necessaria.

* * *

Que é o socialismo catholico?

Vamos encontral-o nas duas admiraveis encyclicas do grande Pontifice.

Na epoca actual não é licito duvidar das idéas de Leão XIII sobre as questões sociaes; ahi estão para demonstrar o seu modo de pensar as suas encyclicas dirigidas ao mundo, de cujo espirito é soberano, e, é crença nossa, que si elle não occupasse o logar que occupa, si não fôra o espirito eminentemente diplomata que o distingue, elle estaria á frente do partido socialista militante.

Mas, si não nos fosse dado conhecer as idéas socialistas do Papa bastava-nos, para firmal-as, saber que elle consente, e portanto tacitamente applaude, que essas idéas germinem e progridam de um modo assombroso no seio da mais elevada e illustrada parte do clero. Assim é que elle permitte que o cardeal MANNING invoque em nome da religião e da justiça a determinação do *minimum* do salario e do maximo das horas do trabalho, dá o seu valioso apoio aos socialistas de Estado allemães taes como HITZE e VOGELSANG.

Elle não pode acceitar, e não seria coherente com o seu grande espirito—o socialismo revolucionario, que vai pouco a pouco cedendo o seu logar ao socialismo como partido legal, como na Inglaterra, na França e mesmo na Allemanha, onde o espirito exaggerado

de MARX deixou os germens de uma theoria subversiva que os seus discipulos mais exaggeraram. O socialismo conservador vai-se accentuando todos os dias — mostrando-nos o ultimo congresso de *Halle* que já se reconhecem as esterilidades das revoluções sociaes.

Tanto é assim que o que mais temem os socialistas é chamal-os anarchistas, muito bem dizendo NITTI que quando um dos chefes do socialismo quer se desembaraçar de seu companheiro elle o accusa de ser anarchista:

Anarchista! bradou *Bebel* a *Werner* — *Liebknecht* a *Domela Nieuwenhuys* — *Aveling* a *William Morris*.

O que Leão XIII quer é o socialismo verdadeiro, que não quer a revolução, mas o melhoramento das condições economicas da organisação do trabalho.

Os socialistas catholicos que não querem a intervenção do Estado na organisação economica do trabalho, estão em uma minoria insignificante; o socialismo catholico preconiza essa intervenção comprehendendo que é preciso equilibrar as forças dos opprimidos e fracos ás forças dos fortes para poderem luctar, repellindo assim a escola socialista que pretende o nome de darwiniana.

A luminosa carta-pastoral de Leão XIII, publicada em 1877 quando arcebispo e cardeal de Perouse, é a mais ardente das condemnações contra a organisação do trabalho, e esta carta não está em desaccordo com a encyclica publicada em 28 de Dezembro de 1878 onde elle já era Leão XIII, mas não tinha mudado de idéas embora condemnando os *socialistas* (?) termo empregado mal pelos escriptores commentadores, porquanto o Papa não condemnava socialistas, combatia a tendencia ou feição revolucionaria que tomavam os acontecimentos da epoca.

Muito bem observa Nitti que Leão XIII, espirito eminentemente christão e democratico, ficou contris-

tado com os factos que perturbaram nessa epocha a paz social, viu o socialismo revolucionario alastrar-se por toda a Italia com todo o seu cortejo de perigos attentando contra a segurança do Estado, abalando mesmo as bases da sociedade — por ter-se propagado a theoria *Bakounine* em *Roma*, *Napoles* e *Veneza*.

Elle viu os attentados de *Barsanti*, viu os perigos das theorias dos socialistas italianos, mesclados de elementos heterogeneos, communistas e individualistas, sem cultura scientifica, pregando a abolição do Estado e da Igreja, da propriedade e dos magistrados, observou a febre da destruição e do odio e foi obrigado a dizer ao mundo que era preciso supprimir esse movimento, suffocando-o com a maior energia.

Impressionado o seu espirito pensou Leão XIII, e pensou muito bem, que não era o momento de qualquer reivindicação socialista e por isso verberou os anarchistas e socialistas, mas não podia ter-se referido senão aos socialistas revolucionarios:

«*diversis ac pene barbaris nominibus Socialistæ, Communistæ, vel Nihilistæ appellantur quique per universum orbem diffusi et iniquo inter se fœdere arctissime colligati non amplius ab occultorum conventuum tenebris præsidium quærunt, sed palam fidentem que in lucem prodentens, quod jampridem inierunt consilium cujuslibet civilis societatis fundamenta convellendi, perficere adnituntur*. Etc.

E se não fosse assim o pensamento de Leão XIII seria a incoherencia maior que é possivel, attendendo ás suas opiniões de 1877.

E a prova desse asserto é que, desde que o socialismo deixou de ser revolucionario, elle o attendeu, e observando que os catholicos sustentavam as idéas socialistas, empregou o seu grande espirito nas questões sociaes por diversos actos, manifestando suas

tendencias socialistas:—animando o socialismo catholico da Allemanha na pessoa de *Vogelsang* que elle abençoou, o socialismo do *conde* de *Mun* e na Suissa animando e secundando a obra do cardeal *Mermillod*. (Nitti, *Socialismo Catholico)*.

Provado que nenhuma incoherencia houve, pois, entre a Carta Pastoral do Cardeal de Perouse de 1878 e a encyclica de Leão XIII de 1878, vamos conhecer aquella sua memoravel Carta que foi a precursora do socialismo catholico, cuja base encontramos na encyclica de 1890, sendo nossa opinião que ella é «o socialismo catholico», que ella representa tudo o que têm pensado e dito todos os que professam essa escola, não precisando nós para conhecel-a expor as theorias de: *Vogelsang*, *Decurtins*, *de Mun*, *Hitze*, *Ratzinger*, *Mermillod* e de tantos outros doutores do socialismo catholico. Na luminosa carta de 1877 encontramos os principios que treze annos mais tarde vieram encontrar suas confirmações na monumental encyclica «Da condição dos operarios», o seu desenvolvimento completo e a sua confirmação, tanto mais forte, porque era o resultado de uma observação tão longa dos phenomenos economicos, feita pelo grande cerebro e do sabio pensador.

Vejamos a encyclica do 1877 nos seus pontos principaes:

«As modernas escolas de economia politica consideram o trabalho como o fim supremo do homem, fazem deste o caso que se faz de uma machina de um valor maior ou menor, segundo ella active mais ou menos a producção. D'ahi o abuso collossal que fazem aquelles que querem conservar os pobres e os humildes no estado de fraqueza em que se acham para se enriquecer á sua custa.

«Quantas lamentações sem cessar renovadas temos ouvido, mesmo nos paizes que têm a reputação de estar á frente da civilisação, sobre o excesso de trabalho imposto aos que devem ganhar o pão com o suor do seu rosto.

«A vista dessas pobres creanças encerradas nas officinas, que a tysica arrebata no meio do seus precoces trabalhos, não afflige ao observador christão, não arranca protestos de indignação a todas as almas generosas?

«Um tão doloroso espectaculo e o echo dessas lamentações tão sinceras, não deveriam animar os governos e os parlamentos a procurar leis para impedir um trafico tão deshumano?.. .. e sem a caridade catholica que não cessa nunca de soccorrer a miseria indo em ajuda com as suas subvenções e seus asylos, quantas dessas creanças ficariam abandonadas a si mesmas sem defesa, hoje que o frenezi do trabalho arranca ao lar domestico a mãe como o pae?

«Oh! Meus filhos bem amados, quando vemos desses factos ou quando os ouvimos contados por orgãos insuspeitos, ficamos impotentes para conter a indignação que se levanta contra áquelles que são de opinião de reintegrar os barbaros no governo dos destinos da civilisação.

«E elles chamam tudo isso favorecer o progresso!

«Mas ha ainda alguma cousa de peior: o trabalho excessivo que enerva e consome os corpos, traz a ruina das almas e apaga-lhes pouco e pouco os traços da semelhança com Deus; este costume de ter os homens presos á materia, que ahi os mergulha, ahi os absorve, adormece a vida da intelligencia entre essas infelizes victimas do trabalho que retrogradam ao paganismo. Tudo o que eleva o homem, tudo o que faz delle o que Deus quer que

elle seja, isto é, o herdeiro do céo, desapparece a seus olhos, cae no esquecimento e não deixa em troca sinão o instincto animal que não reconhece nenhuma coacção.

«Em presença destes sêres explorados desde creanças por uma ambição sem limites, perguntamos a nos mesmos si os adeptos desta civilisação, fóra da Igreja e sem Deus, ao envez de nos fazerem progredir não nos collocam atraz muitos seculos, nos reportando a essas dolorosas epocas em que a escravidão opprimia uma tão grande parte do genero humano, onde o poeta dizia com tristeza: o genero humano vive para um pequeno numero de privilegiados: *Humanum paucis vivit genus*».

Eminentemente philosophica essa extraordinaria «Carta» comprehendia já a escravidão em que se acha o trabalho e cogitava da intervenção do Estado para melhoral-o, refere-se ás modernas escolas economicas que consideram o homem operario como machina de trabalho, como uma *cousa* que não precisa de remunerações, que somente necessita de meios para se manter, como uma locomotiva que só reclama carvão para as fornalhas, graxa para facilitar os movimentos e agua para as caldeiras, o operario só precisa de pão para o estomago e farrapos que impeçam a morte pelo frio!

Dissemos que a «Carta» foi a precursora do desenvolvimento do *Socialismo Catholico* e dissemos bem, porque ella veiu encorajar os filiados á escola e mesmo contra a intenção do seu grandioso auctor, despertar odios que dormiam fazendo explodir esses mesmos acontecimentos que o seu proprio signatario teve que reprimir com a energia mascula do seu talento.

Em 1889, Leão XIII, dirigindo uma allocução aos operarios francezes, manifestou as mesmas idéas que

as da sua encyclica, não aconselha mudanças repentinas e precipitadas nas relações actuaes entre o capital e o trabalho e na sua ultima encyclica. «Da Condição dos Operarios», publicada em 15 de Maio de 1891, elle manifesta as mesmas idéas dizendo que «os operarios estão actualmente entregues á ambição dos patrões e, com a maior lucidez, dá a verdadeira razão da desorganisação economica actual do trabalho affirmando «que um muito pequeno numero de homens extremamente ricos impõe á multidão dos proletarios um jugo que lembra a escravidão».

Leão XIII não aconselha a intervenção sem limites do Estado, mas diz que elle é «um todo harmonioso abraçando egualmente as classes baixa e alta, devendo antes se occupar das classes pobres».

Nenhuma desvantagem virá desse facto, porque as classes dos operarios «é que têm falta de um apoio proprio e que têm particularmente a necessidade de encontrar esse apoio no Estado».

Entra depois Leão XIII na enumeração dos meios praticos de melhoramento e diz que o primeiro dever do Estado «é subtrahir o pobre operario á deshumanidade de especuladores avidos, que, por ambição, abusam sem nenhuma discrição, das pessoas como se fossem cousas».

«Não é justo exigir do homem um trabalho tal que o excesso de fadiga affecte seu espirito ou ou enfraqueça seu corpo».

Depois contesta a crença de que o contracto entre o operario e o patrão seja livre, sendo por consentimento de ambas as partes fixada a quantidade do salario e, contesta muito bem, dando a veridica razão economica que impede essa liberdade de contractar.

De facto o operario é constrangido a fazer o contracto e acceitar o salario que se lhe dá para evitar a fome e a morte, e, portanto, no contracto

onde uma das partes é constrangida não ha, não existe a liberdade que deve presidil-o para tornal-o de accordo com as normas juridicas.

E, contra esse facto diz Leão XIII «protesta a justiça».

Accrescenta o Papa que a legislação deve favorecer a formação e o desenvolvimento das pequenas propriedades, aconselha as instituições de previdencia e de soccorros mutuos e preconisa o effeito efficaz das corporações de artes e officios, cujo passado as recommenda e que devem no presente se adaptar ás condições actuaes do desenvolvimento industrial.

Leão XIII recommenda mais a reforma moral, encarecendo o poder do catholicismo, que póde modificar a organisação actual do trabalho, mas não ha a menor duvida que a elle não repugna o auxilio do Estado.

O que elle não quer é a intervenção illimitada do Estado — o que certamente seria retrogradar o mundo aos primeiros seculos de sua edade.

Mais adiantados que o Chefe da Igregia, não ha duvida, estão o clero da Inglaterra, França, Allemanha e America do Norte, mas não se pode admirar esse facto attendendo-se á posição difficilima em em que se acha Leão XIII diante das potencias européas.

Acreditamos que as reformas que elle apresenta para serem executadas, os sabios conselhos que dá são do maior alcance e têm o merito que nenhuma outra theoria que examinamos possue — *possivel realisação*.

Que vale acenar ao povo com reformas admiraveis, fazel-o entrever um estado economico feliz onde a miseria seja abolida, mas não dar a esse mesmo povo os meios praticos de conseguir esse estado economico?

São meras creações de theorias sem resultado pratico algum, ao passo que a miseria cresce e exige uma reforma, um meio que a minore, que force o capital a dar ao trabalho a parte que lhe compete na producção.

* * *

Compete-nos agora falar dos socialistas que, ao lado dos catholicos, collocamos debaixo da classificação de socialistas propriamente ditos.

* * *

Da reacção necessaria aos principios da escola economica *classica* ou mais commumente chamada escola liberal, nasceu a escola alleman historica, que é chamada escola socialista de cathedra *(Katheder-socialist)*, tendo como methodo—o «*realista*».

Quer a escola economica liberal que o Estado se abstenha completamente de intervir em todas as organisações industriaes, abandonando ao individuo toda a acção economica, idéa que Gournay dá-nos perfeita na sua divisa «*Laissez faire, laissez passer*».

Considerando esta escola que todas as acções do homem têm um movel—o seu interesse privado—deduz que elle procura o que lhe é mais util e não ha necessidade de uma intervenção extranha para coagil-o, dando-lhe discernimento a fazer uma cousa qualquer ou a dirigir a sua actividade economica para determinados fins.

A concurrencia universal livre, regulando o mundo industrial, a plena expansão das forças economicas colloca cada individuo no logar proprio que a sua actividade productiva o eleva; dê o Estado plena liberdade ao desenvolvimento da propriedade, do capital, do trabalho, das trocas, que a producção da

riqueza augmentar-se-á extraordinariamente e o equilibrio economico será a consequencia desse bem estar.

Firmados no methodo realista os socialistas historicos, mostrando que a tendencia do homem não é sómente ao interesse privado, que as tendencias do homem divergem com a diversidade de paizes e das épocas, dizem que esse principio invocado pelos liberaes — egoistico como é, leva os homens a iniquas espoliações e que o orgam da justiça, que é o Estado, tem a missão de reprimir esse sentimento.

O principio «liberal» é falso e tão falsas as deducções que delle tiram os discipulos de Smith.

Falso porque não constitue elle a tendencia do homem em geral, falsas as deducções porque seria justificavel a liberdade completa não dominando o principio egoistico, mas sim si o desejo do bem e da felicidade commum fosse o sentimento predominante no homem.

Ahi sim, não seria reclamada a intervenção do Estado, mas si na opinião dos liberaes é o egoismo que domina, como deixal-o expandir-se, si elle é um sentimento máu?

Figuremos um exemplo:

O chefe de uma industria deseja que o salario baixe e o operario que elle suba (Laveleye).

Perguntamos nós, não virá a desharmonia? sim, e vencerá o mais forte impondo o salario que mais lhe convem, como actualmente.

Não contestam os *Katheder-Socialist* que a liberdade industrial seja de grande vantagem, que o livre cambio tenha consequencias beneficas, mas ao Estado compete intervir quando o interesse individual está em desaccordo com a missão humana e civilisadora da economia politica.

Não são os socialitas de cathedra exaggerados como os socialistas de outras escolas; querem a interven-

ção do Estado na producção e distribuição das riquezas, não como uma coacção á liberdade, mas como meio regenerador da Justiça e do equilibrio economico.

E' como diz LAVELEY «sem admittir as exaggerações e as conclusões dos socialistas e sobretudo seus appellos á revolução, elles acceitam o principio que é o fundamento de suas reivindicações.

«Admittindo que, na lucta pela existencia, o livre jogo dos egoismos não conduz a uma partilha de riqueza conforme á justiça e não dá ao operario uma remuneração proporcionada á parte que elle toma na producção, elles os socialistas de cathedra reclamam a acção do Estado e da legislação, não como a querem os socialistas para modificar radicalmente as leis civis e sobretudo da propriedade e da herança, mas para proteger os fracos e luctar com as consequencias desastrosas do regimen industrial.»

Esta escola, perfeitamente scientifica, tem tomado enormes proporções na Allemanha — sua patria, na Inglaterra e na França. realisando os seus congressos em *Eisenach,* annualmente, e conquistando nas Universidades Européas seus partidarios dentre os quaes destacamos *Schmoler*, professor da Universidade de Berlim, o mais moderado dos moderados, que nos seus discursos diz não querer como os socialistas, nem mesmo a suppressão do salario, mas não pode admittir que o apregoado contracto entre o patão e o operario venha a ser exploração do trabalhador.

A escola de que tratamos pensa que o Estado deve intervir nas organisações economicas, mas ao dar os meios dessa intervenção e no determinar qual ella seja, surgem as divergencias, e das grandes discussões dos seus Congressos não resulta ainda a harmonia de vistas sobre as reformas que se devem fazer.

Tendo falado o mais resumidamente que é possivel das escolas da classificação que fizemos, restanos responder as perguntas que a nós mesmo fizemos sobre a intervenção do Estado no terreno economico, e nas nossas resumidas respostas, irá o nosso modo franco de pensar, que temos o merito de reconhecer humilde:

Será licita a intervenção do Estado e produzirá effeitos economicos beneficos?

Será uma coacção da liberdade?

As reformas parciaes introduzidas e firmadas pelo Estado, produzirão o seu effeito?

E' possivel economicamente a divisa da escola liberal: *laissez-faire, laissez passer?*

* * *

Qualquer que seja a concepção em que tomemos o Estado, não lhe podemos tirar a missão de harmonisar as relações individuaes de qualquer ordem.

Não tivesse o Estado essa missão e elle seria no dominio do ramo de direito que o institue como o resultado do aperfeiçoamento moral de uma nação, uma intituição nulla; permittir que essas relações no seu progressivo desenvolvimento levantem o desequilibrio em qualquer terreno em que a actividade humana se agite, deixar que as forças heterogeneas que nascem e se desenvolvem no meio social trabalhem em sentido contrario produzindo desorganisações — seria a negação completa da existencia juridica do Estado, aniquilando completamente a sua acção dirigente e harmonisadora.

Sendo, como são, multiplas e diversas as relações individuaes, como conceder que o Estado intervenha em umas e deixe passar outras.

Porque, quando se dá uma agitação popular que perturba a ordem publica, reclama-se a acção do

Estado com seus meios coercitivos e materiaes e não se ha de permittir que, quando ha uma desorganisação economica, por exemplo pela predominancia absoluta de um elemento productivo, não venha o Estado pelos meios multiplos de que dispõe restabelecer a ordem economica?

Que differença substancial póde haver entre a desordem economica e a desordem publica? Ambas precisam ser reprimidas para evitar os seus fataes effeitos.

Não colhe o argumento de dizer-se que é uma coacção á liberdade individual na industria, a intervenção no terreno economico, porque semelhante affirmação demonstra a falta de comprehensão da liberdade, ainda no seu mais vasto conceito, porque não é possivel a liberdade absoluta, sem limites, porque assim deixa de ser liberdade para constituir-se a sua propria negação, porque é a perfeita anarchia.

Laissez faire, laisser passer--a divisa dos liberaes, é uma utopia tão grande no terreno economico, como permittir que a natureza embale no seu seio, sem influencia extranha de educação, a creança que nasce e o faça homem, é admittir no terreno politico o conjuncto informe de homens sem leis, é abolir a forma do direito com a sua coacção legal, é finalmente a anarchia economica.

Deixar o homem entregue á livre concurrencia do trabalho, como si pudesse existir a livre concurrencia, como si no mundo economico não existissem as enormes desegualdades que extinguem a concurrencia, para dar logar á predominancia de uns sobre outros é — uma utopia.

Pensamos que é perfeitamente licita a intervenção do Estado no terreno economico, presidindo com as suas leis á organisaçao das relações entre o capital, o trabalho e a terra, evitando que um elemento

absorva outro, attendendo ás tendencias economicas de desenvolvimento de cada elemento, e, entendemos assim, porque é essa a missão juridica e moral do Estado.

Missão juridica dizemos, porque ao Estado compete legislar de modo a que o direito *abstracto* não se vá constituir o defensor do forte contra o fraco ou collocar-se inerme assistindo como espectador á coacção de um direito individual; missão moral, porque essa não permitte as desegualdades produzindo privilegiados e miseraveis.

Estabelecido que é licita a intervenção do Estado nas relações productoras e distributivas entre o capital o trabalho e a terra, não duvidamos affirmar que essa intervenção produzirá beneficos effeitos economicos, e isso porque:

O Estado reconhecendo pela observação dos factos o phenomeno economico, por exemplo, que se dá em quasi todos os paizes da Europa, que é a preponderancia do capital sobre o trabalho, verificando que as condições de progresso daquelle elemento de producção estão na razão directa da crise de miseria do trabalho, legislará de modo a evitar que o capital absorva a parte que compete ao trabalho, marcando o salario *minimum* attendendo á especie de industria, os lucros que produz, á capacidade productiva do operario e outros detalhes que não são deste logar.

E o resultado benefico virá, está visto, desde que se pratica assim um acto justo e extingue-se a miseria da mais numerosa classe.

Nesse acto do Estado não vai a menor coacção á liberdade expansiva do capital, porque só será praticado verificando-se a hypothese estabelecida da absorção pelo capital da parte que compete ao trabalho, e sendo assim não se dirá que é restricção

da liberdade, porque não é de direito haver liberdade de ficar-se alguem com a cousa ou proveito alheio.

***

As reformas parciaes introduzidas e firmadas pelo Estado produzirão o seu effeito? foi outra interrogação que fizemos e vamos tentar agora responder:

Pretender como querem os communistas: o *bem* commum, como os collectivistas a divisão da riqueza em collectiva e individual, pretender destruir a propriedade individual cujas raizes se enterram pelos seculos até apanhar as mais incipientes das tradições historicas, ser um lassaliano ou um marxista, sonhar com George «a *nacionalisation of land*, é sonhar pretendendo o impossivel.

Mas, desde que se verifica uma desorganisação economica profunda na distribuição do resultado da producção aos seus grandes elementos, é forçoso confessar que é necessaria uma reforma, são necessarias muitas reformas.

E desde que as reformas radicaes apresentadas não servem, porque a sua victoria é a completa desorganisação da ordem social, entendemos que as reformas parciaes estabelecidas e firmadas pelo Estado produzirão o seu effeito melhorando o estado social.

Como os socialistas de cathedra dizemos que é preciso estudar a historia economica e as condições de cada paiz para ter o Estado verdadeira inspiração nas suas reformas.

Lá onde o capital se tem desenvolvido assombrosamente, colhe resultados satisfatorios o imposto sobre o capital e tanto mais pesado quanto maior elle for.

Desenvolvido assim o capital, como está por exemplo na Inglaterra, e mais ainda reunido em poucas

mãos relativamente, dar-se-á por força o phenomeno economico: da absorpção da força do trabalho pela força do capital e d'ahi o capital poderá impor ou exigir do trabalho o seu concurso marcando arbitrariamente com o despotismo do mais forte a parte que lhe será dada.

Diante desse phenomeno economico, resultado do desequilibrio de forças, a missão juridica do Estado é intervir por meio de suas leis e marcar a parte equivalente e proporcional do operario.

Onde preponderar outro elemento que não o Capital, mas a renda da terra por exemplo, dar-se-á o mesmo phenomeno economico e ao Estado compete tributar a terra com o imposto chamado territorial.

Procedendo desta forma, terá o Estado exercido a sua missão moral, juridica e civilisada, não offendendo a liberdade industrial, melhorando o estado economico da distribuição dos resultados da producção e evitado essa revolução social que a miseria produz, com a qual acenam os agitadores.

São os meios realisaveis para os paizes em que já existe profunda a desorganisação economica; mas, nos paizes em que essa desorganisação não existe ou não se accentuou, nas nações novas em que o trabalho é reclamado com urgencia para attender ás exigencias da producção?

No nosso Paiz por exemplo, essencialmente agricola, cuja vastissima extensão reclama o esforço fecundo do trabalho, que é tão difficil obter, é preciso evitar o mal futuro da desorganisação.

Hoje temos a terra em enorme quantidade, temos escassos capitaes e minguada quantidade de trabalhadores, mas no futuro, do consorcio desses tres elementos forçosamente hão de nascer grandes capitaes, o velho mundo derramará em nossas terras quasi incultas milhões de homens representando

trabalho e o mesmo phenomeno que se deu e se dá na velha Europa, dár-se-á entre nós com a certeza de uma lei economica.

E, para evital-o é preciso combater as grandes propriedades territoriaes, para evitar mais tarde capitaes enormes em uma só mão.

Estabeleça-se o imposto sobre a terra e que esse imposto na actualidade seja sómente sobre a terra inculta porque desse facto teremos duplo effeito benefico: evitaremos as enormes extensões de terra em estado improductivo e obrigaremos os seus proprietarios a cultival-as para subtrahir-se ao imposto.

Assim progredirá, augmentando-se, a nossa producção e teremos achado o meio legal de evitar os perigos das grandes propriedades territoriaes.

Estabelecendo-se esse imposto evitar-se-á o imposto sobre a renda, tão preconisado pelo Dr. Ruy Barbosa no seu Relatorio apresentado ao Chefe do Governo Provisorio; parecendo-nos entretanto que semelhante tributo não tem cabimento entre nós, pelo facto muito simples de que nós não temos renda, temos terra.

Dominado pelas reformas feitas nos paizes europeus e principalmente na Inglaterra, o grande espirito de Ruy Barboza concebeu que seria vantajoso o imposto sobre as rendas; nós entretanto acreditamos que sempre que elle fôr apresentado terá a sorte que teve quando levantado pelo Cons. Affonso Celso que o submetteu ao parecer de diversos financeiros brazileiros, lembrado pelo Cons. Laffayette e estudado pelo ex-ministro da Fazenda do Governo Provisorio: será repudiado.

* * *

Temos terminado o nosso modesto trabalho.

Luctando com difficuldades de toda a ordem, chegamos finalmente ao fim, reconhecendo entretanto

que ao abrirmos as paginas deste primeiro fructo de um estudo agitado e pressuroso, á vista dos venerandos mestres que o vão julgar, precisamos que sobre elle se estenda a bandeira da indulgencia.

Que nos perdôe a illustrada Congregação se não conseguimos escrever uma dissertação que mereça ser lida, mas lembre-se todavia que aos homens feitos pelo trabalho e pelo estudo corresponde a obrigação de offerecer a sua mão áquelles que se querem fazer pelos mesmos meios.

S. Paulo, 18 Agosto de 1897.

Dario Sebastião de Oliveira Ribeiro.

THESES

ECONOMIA POLITICA

I

O trabalho é o mais importante dos agentes da producção, deve portanto o salario do operario ser proporcional á renda da terra e ao proveito do capital.

II

O Estado deve intervir nas organisações economicas da producção, afim de evitar a escravisação do trabalho pelo capital, sempre que as circumstancias requererem a sua acção.

III

O luxo é sempre improductivo.

*
* *

SCIENCIA DA ADMINISTRAÇÃO

I

E' grave erro subtrahir ao Estado e dar á particulares ou á associações a incumbencia da instrucção secundaria e superior.

II

O Poder Governamental é diverso do Poder Administrativo.

III

Quanto mais nova fôr a civilisação de um paiz, maiores serão as attribuições que devem ser dadas ao Estado.

*
* *

DIREITO ADMINISTRATIVO

I

A hierarchia administrativa é essencial á existencia da harmonia entre as diversas attribuições.

II

A descentralisação administrativa é o penhor de uma bôa administração, quando não tem os exaggeros proprios dos paizes que se reorganisam como o nosso.

III

A lei n.º 23 de 30 de Outubro de 1891, distribuindo funcções administrativas, dá logar á criticas severas e bem fundadas.

*
* *

SCIENCIA DAS FINANÇAS

I

O imposto territorial é de grande opportunidade no Brazil.

II

O imposto sobre o luxo é reclamado pelas necessidades sociaes.

III

As difficuldades financeiras do Brazil são devidas em grande parte ao augmento crescente da despeza para manutenção do exercito.

IV

A exportação deve ser livre de impostos.

*
* *

CONTABILIDADE DO ESTADO

I

A contabilidade do Estado é condição essencial para existencia do Credito Publico.

II

A contabilidade por exercicio dá logar a abusos, pela difficuldade da apuração e fechamento das contas.

III

O systema de contabilidade por gestão se estabelece com mais rapidez e segurança que o de contabilidade por exercicio.

Dario Sebastião de Oliveira Ribeiro.